



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA –**  
**PPGLINC**

**JAQUELINE LUCCHESI DIAS**

**OS DEMONSTRATIVOS INVARIÁVEIS COM REFERÊNCIA PESSOAL**  
**NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Salvador

2019

**JAQUELINE LUCCHESI DIAS**

**OS DEMONSTRATIVOS INVARIÁVEIS COM REFERÊNCIA PESSOAL  
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Dannel da Silva Carvalho

Salvador

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Lucchesi Dias, Jaqueline  
Os demonstrativos invariáveis com referência  
pessoal no português brasileiro / Jaqueline Lucchesi  
Dias. -- Salvador, 2019.  
98 f.

Orientador: Danniel da Silva Carvalho.  
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em  
Língua e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,  
Instituto de Letras, 2019.

1. Linguística. 2. Pronomes. 3. N-effect. 4. Traços.  
I. da Silva Carvalho, Danniel. II. Título.

Ao meu Nickinho,  
por nunca me deixar escrever sozinha.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador e amigo, professor Dannel Carvalho, por me incentivar na área da pesquisa desde a graduação, pelo apoio ao longo do meu percurso na academia, por acreditar no meu trabalho, pela força e horas de reunião, pelas indicações, autores e teorias que me proporcionou conhecer e, sobretudo, pela confiança depositada em mim;

Aos meus pais, Sheila Lucchesi e Heráclito Oliveira, pelo incentivo durante esses anos, pelo apoio e carinho;

Ao meu namorado, Diogo Garzedim, pelo incentivo e por toda sua ajuda durante esse percurso, me ouvindo sempre que necessário;

Ao grupo Phina, pelas experiências adquiridas ao longo desses anos, pelas responsabilidades de eventos, de trabalhos e, sobretudo, pela responsabilidade de carregar nos meus trabalhos o nome de um grupo de pesquisa científica tão grande e em constante crescimento;

Aos meus amigos do Phina, especialmente Sinval Medeiros, que tantas vezes tirou minhas dúvidas, sempre solícito. Eloísa Maiane, Renato Medeiros e Victor Cavalcanti, que estiveram comigo nesses últimos anos e me ajudaram de várias formas possíveis, sem vocês tudo seria mais desgastante;

Em especial, agradeço a minha amiga Fernanda Cerqueira, por me trazer à área científica, por me abraçar no Phina, por sua ajuda e disponibilidade sempre que solicitada, mesmo quando esteve distante se fez presente, sou grata por cada dúvida respondida, por cada mensagem de conforto, pelas confidências e pela amizade maravilhosa que pude construir com você;

À professora Célia Telles, por todas as discussões, sugestões de leitura e pelo carinho, pelos cafés e pelas conversas nas horas vagas;

À professora Lícia Heine, por sua confiança e seus abraços desde o meu tempo de graduação;

À professora Lílian Teixeira, pelas sugestões e por fazer parte desta banca;

Ao professor Marcelo Sibaldo, por fazer parte desta banca;

À FAPESB, pelo apoio financeiro que viabilizou esse trabalho, sem essa ajuda não seria possível seguir esse caminho;

E a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigada!

## RESUMO

Esta dissertação aborda os seguintes demonstrativos invariáveis no Português Brasileiro: *isto*, *isso* e *aquilo*. Os objetivos aqui são descrever e analisar sua referência pessoal, baseado no fato de que, além de tanto situar informações no espaço e no tempo ou retomar elementos com um traço [-humano], esses demonstrativos também podem referir-se a elementos com um traço [+humano] – o que é um comportamento típico de pronomes pessoais. Tal possibilidade pode engatilhar um efeito negativo na interpretação e induzir, assim, a uma leitura depreciativa, pejorativa ou irônica. Este fenômeno parece resultar de uma espécie de neutralização no gênero, acarretando um *N-effect*, atestado em contextos com o seguinte conjunto de requisitos: i) competição com suas contrapartes que exibem gênero morfológico ou pronomes pessoais; ii) presença do traço [+humano]; iii) ocorrência de um referente contextualmente saliente, no discurso, e integrante do conhecimento partilhado do falante e do ouvinte.

**Palavras-chave:** Pronomes, N-effect, Traços.

## ABSTRACT

This dissertation addresses the following invariable demonstratives in Brazilian Portuguese: *isto*, *isso* and *aquilo*. The goals here are to describe and to analyse their personal reference, based on the fact that, besides either placing information in space and time or referring back to elements with [-human] feature, these demonstratives can also refer to elements with [+human] feature – which is a typical behavior of personal pronouns. Such possibility may trigger a negative effect in interpretation, and it induces, thus, a derogatory, a pejorative, or an ironic reading. This phenomenon seems to result from a kind of neutralization in gender, entailing an *N-effect*, attested in contexts with the following set of requirements: i) complementary distribution with their morphological gender displaying counterparts; ii) presence of [+human] feature; iii) occurrence of a contextually salient referent, in discourse, and part of the both speaker's and hearer's shared knowledge.

**Keywords:** Pronouns, N-effect, Features



## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

QUADRO 1 – PARADIGMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS

QUADRO 2 – PARADIGMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS EM PB DE ACORDO COM BECHARA (2006)

QUADRO 3 – PARADIGMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS EM PB DE ACORDO ALMEIDA (1998)

QUADRO 4 – PARADIGMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS EM PB, RESPONSÁVEIS PELA IDENTIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS, DE ACORDO COM ALMEIDA (1998)

QUADRO 5 – PARADIGMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS EM PB DE ACORDO COM CUNHA E CINTRA (1986)

## LISTA DE ABREVIATURAS

|                 |                      |                        |
|-----------------|----------------------|------------------------|
| <b>3P</b>       |                      | 3ª Pessoa              |
| <b>φ</b>        |                      | Traços-phi             |
| <b>DP</b>       | Determiner Phrase    | Sintagma Determinante  |
| <b>d</b>        |                      | Demonstrativo          |
| <b>f</b>        |                      | Feminino               |
| <b>m</b>        |                      | Masculino              |
| <b>N-effect</b> | N(egative)-Effect    | Efeito Negativo        |
| <b>NP</b>       | Nominal Phrase       | Sintagma Nominal       |
| <b>PB</b>       |                      | Português Brasileiro   |
| <b>PP</b>       | Prepositional Phrase | Sintagma Preposicional |
| <b>sg</b>       |                      | Singular               |

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>13</b> |
| 1.1      | HIPÓTESE, OBJETIVO E ESTRUTURA DO TRABALHO.....  | 17        |
| <b>2</b> | <b>OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS</b> .....  | <b>18</b> |
| 2.1      | OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS EM GRAMÁTICAS DO PB.....  | 20        |
| 2.1.1    | Os pronomes demonstrativos segundo Bechara (2006).....   | 23        |
| 2.1.2    | Os pronomes demonstrativos segundo Almeida (1998).....   | 25        |
| 2.1.3    | Os pronomes demonstrativos segundo Cunha e Cintra (1986).....  | 26        |
| 2.1.4    | Os pronomes demonstrativos segundo Neves (2000).....   | 29        |
| 2.2      | OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS EM PERSPECTIVA LINGUÍSTICA.....   | 29        |
| 2.2.1    | <i>Isto e Isso</i> : uma redução do quadro pronominal demonstrativo.....                                       | 33        |
| <b>3</b> | <b>JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE DOS DEMONSTRATIVOS PESSOAIS</b>  | <b>35</b> |
| 3.1      | MÉTODOS.....   | 35        |
| 3.2      | RESPOSTAS DO BLOCO 1 E 2.....  | 36        |
| 3.3      | RESPOSTAS DO BLOCO 3.....  | 49        |
| <b>4</b> | <b>OS DEMONSTRATIVOS INVARIÁVEIS COM REFERÊNCIA PESSOAL EM PB:<br/>N- EFFECT E LEITURAS APRECIATIVAS</b> ..... | <b>58</b> |
| 4.1      | “THIS” AFETIVO.....  | 67        |
| 4.2      | O N-EFFECT.....  | 71        |
| 4.3      | A NECESSIDADE DE COMPETIÇÃO COM UM PRONOME PESSOAL.....  | 73        |
| 4.4      | NECESSIDADE DO TRAÇO [+HUMANO].....  | 76        |
| 4.5      | A NECESSIDADE DE DISCRIMINAÇÃO.....  | 78        |
| 4.6      | N-EFFECT NOS DEMONSTRATIVOS DO PB.....   | 81        |
| <b>5</b> | <b>CONCLUSÃO</b> .....   | <b>85</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....  | <b>87</b> |
|          | ANEXOS.....  | 90        |
|          | ANEXO A - QUESTIONÁRIO.....  | 90        |

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar o efeito negativo que pode ser desencadeado, ou seja, engatilhado, pelos demonstrativos<sup>1</sup> invariáveis no contexto de referenciação<sup>2</sup> a seres humanos no português brasileiro (doravante PB), como ilustrado em (1) abaixo:

(1) **Isso** não vale nada.

Em (1), o demonstrativo invariável *isso* pode possuir duas possibilidades de referenciação:

a) um **referente inanimado**, como um objeto ou um substantivo abstrato, por exemplo, em um contexto discursivo em que uma pessoa profere tal sentença se referindo a um *celular chinês* que apareceu em alguma propaganda televisiva;

b) um **referente animado e humano**, contrastando com o demonstrativo que faz a referência, uma vez que para determinada função há os demonstrativos variáveis, isto é, capazes de distinguir gênero e número.

Essa natureza contrastiva diz respeito ao paralelo existente entre o demonstrativo e o referente, uma vez que ambos deveriam compartilhar os mesmos traços gramaticais, como gênero, por exemplo. Quando o referente e o demonstrativo não compartilham tais traços, há um contraste na sua referenciação.

Este tipo de fenômeno, tendo como referente um ser animado e humano pode ocorrer, por exemplo, em uma situação em que duas amigas estão conversando na rua e uma terceira pessoa de desagrado delas passa do outro lado, uma delas sussurra para a outra a sentença em (1).

---

<sup>1</sup> O presente estudo terá como foco principal os demonstrativos invariáveis *isto*, *isso* e *aquilo*, principalmente o *isso* e o *aquilo*, levando em consideração a preferência de produção dos falantes de determinada forma em detrimento de outra (CÂMARA JR, 2002 [1970]; CASTILHO, 2012). As Gramáticas Tradicionais, grosso modo, também consideram *o* e *tal* como sendo demonstrativos, no entanto, eles não fazem parte deste estudo.

<sup>2</sup> A noção de *referente*, aqui, será a do indivíduo ao qual o demonstrativo se refere no contexto discursivo, ou seja, *situação-enunciado*, com base em Benveniste (2013 [1966]), sob a perspectiva da *sintaxe da enunciação*.

Em (2) ocorre o mesmo que em (1), o *aquilo* pode fazer referência tanto a um ser humano, desta forma possuindo referência pessoal, quanto a um ser inanimado, a partir do uso canônico desse demonstrativo, desta forma, pode-se ter os seguintes contextos em (2):

(2)

Contexto: em uma partida de jogo on-line, dois competidores conversam sobre um artefato que aumenta os poderes dos seus personagens e que surgiu momentaneamente na tela do computador, um dos jogadores diz que não precisa mais daquele artefato, o outro jogador então pergunta, se referindo ao tal artefato que apareceu brevemente na tela:

a) Você realmente já pegou **aquilo**?

Contexto: dois amigos gays conversando em uma boate, um terceiro chega no mesmo ambiente e então um dos dois amigos indaga ao outro:

b) Você realmente já pegou **aquilo**?

Pode-se ler essa sentença pensando em um referente inanimado, como em (2a), ou pode-se ler com referenciação pessoal, como em (2b). No caso da referência ocorrer por conta de um ser inanimado, não há implicação de nenhum tipo de efeito avaliativo, seja ele negativo ou positivo, apenas por conta do uso do demonstrativo invariável, o mesmo não acontece se a referenciação se der em torno de um ser animado, caso isso ocorra, o efeito avaliativo<sup>3</sup> será negativo.

Em ambos os casos, em (1) e (2), tendo em vista o referente como um sujeito dotado de humanidade<sup>4</sup>, este sempre será de fácil identificação no contexto discursivo.

Esses referentes precisam obrigatoriamente ser animados e humanos, ou tal efeito não produz nenhum tipo de avaliação. Isso diz respeito à **necessidade do traço**

---

<sup>3</sup> Consideramos neste trabalho que *efeito avaliativo* é o resultado pragmático de valor que se pode ter acerca de uma determinada sentença. Tal efeito pode ser positivo ou negativo a depender das estratégias linguísticas utilizadas pelo falante.

<sup>4</sup> Humanidade é a característica do que é humano e é uma especificação de animacidade. Assim, vamos considerar que o traço [+humano] é uma especificação do traço de animacidade: [+animado] > [+humano].

**[+humano]**. Isto é, se o exemplo em (2), tivesse como referente de *aquilo* um artefato de um jogo on-line, o efeito avaliativo negativo, exclusivamente por conta do demonstrativo invariável, também não seria engatilhado.

Outro aspecto observado em (1) e (2) está ligado à **competição**, pois faz-se necessário, para que haja a produção do fenômeno, que tal sentença possa ser alternada por um demonstrativo variável ou mesmo um pronome pessoal, a partir de uma neutralização de gênero. Isso pode ser observado através dos contrastes entre em (1)/(3) e (2)/(4).

(3) **Aquele** alí não vale nada.

(4) Você realmente já pegou **ela**?

Diferentemente de (1) e (2), (3) e (4) não são produzidos com demonstrativos invariáveis, mas sim um demonstrativo variável masculino em (3) e um pronome pessoal de terceira pessoa feminino no singular em (4). Para que o engatilhamento do efeito negativo ocorrido em (1) e (2) possam acontecer, os contrastes entre (1)/(3) e (2)/(4) precisam ser possíveis.

Por fim, esses referentes humanos sempre devem estar de forma bem saliente no contexto discursivo, ou seja, **de fácil identificação para todas as pessoas discursivas**, isso se dá, pois, sua referência costuma ocorrer sempre de forma bem marcada e de fácil visualização tanto para o falante quanto para o ouvinte. Nos contextos em que ambos falante e ouvinte não compartilham desse mesmo conhecimento a respeito de determinado referente, a sentença não provoca efeito avaliativo nenhum, pois não há como retomar o referente.

Observar-se então que tal fenômeno aparentemente ocorre a partir de três contextos de licenciamento: i) situação de competição com um pronome pessoal ou demonstrativo variável, ou seja, a necessidade da presença das categorias de *pessoa* ou *gênero*; ii) referente humano; e iii) indivíduos de fácil identificação entre falante e ouvinte, isto é, saliente no contexto discursivo.

Pode-se observar que nos exemplos (5)-(8) abaixo há uma alternância no engatilhamento afetivo, mais especificamente (6) e (7) não produzem efeito negativo, ao contrário de (5) e (8) que possuem os mesmos contextos com a diferença dos

pronomes referenciais. Observa-se também que os três contextos de licenciamento citados acima são fundamentais para a ocorrência de um fenômeno que, inicialmente, não deveria referir seres animados, mesmo na presença do pronome relativo *quem*.

- (5) a. Foi **isso** que você contratou para a nossa empresa?  
 b. Foi **isso** quem você contratou para a nossa empresa?

- (6) a. Foi **ele** que você contratou para a nossa empresa?  
 b. Foi **ele** quem você contratou para a nossa empresa?

- (7) a. Foi **essa** que você contratou para a nossa empresa?  
 b. Foi **essa** quem você contratou para a nossa empresa?

- (8) a. Foi **aquilo** que você contratou para a nossa empresa?  
 b. Foi **aquilo** quem você contratou para a nossa empresa?

Como ponto de partida para a discussão do fenômeno, nos debruçaremos sobre a noção de *N-effect*, que é o efeito negativo que pode ser engatilhado por pronomes demonstrativos em algumas línguas, a partir dos estudos de Sichel e Wiltschko (2018b).

Identificamos que os pronomes que apresentam *N-effect* nas línguas estudadas pelas autoras, apresentam os mesmos contextos de licenciamento dos demonstrativos invariáveis com referente pessoal no PB, a saber; i) situação de competição com um pronome pessoal; ii) referente humano; e iii) indivíduos únicos contextualmente salientes.

Entretanto, é necessário também, para que o *N-effect* ocorra em PB, que haja uma neutralização de *gênero*, isto é, ao invés do uso de um demonstrativo com morfologia de gênero previsto para tais contextos, seja utilizado um demonstrativo invariável, sem morfologia de gênero.

## 1.1 HIPÓTESE, OBJETIVO E ESTRUTURA DO TRABALHO

Assim, aponta-se como hipótese para o licenciamento dos demonstrativos invariáveis com referenciais pessoal em PB, que a neutralização de gênero é o que acarreta a leitura de *N-effect* em PB.

Para alcançar o objetivo aqui proposto, que é o de investigar o efeito negativo engatilhado pelos demonstrativos com referência pessoal em PB, este trabalho está dividido da seguinte forma: na segunda seção, há algumas reflexões acerca dos pronomes demonstrativos e, para isso, faremos um apanhado em algumas gramáticas normativas e descritiva em PB (CUNHA e CINTRA, 1986; ALMEIDA, 1998; NEVES, 2000; BECHARA, 2006), além de apresentar algumas noções dos pronomes demonstrativos segundo linguistas (CÂMARA JR., 2002 [1970 RODRIGUES, 1978; MARCUSCHI, 1997; CASTILHO, 2012; LEGDEWAY, 2012). Nesta segunda seção, também será possível observar que alguns conceitos acerca dos demonstrativos podem variar de acordo com determinado autor, como por exemplo a distinção em gênero, valor afetivo ou mesmo a produção binária (isto-isso/aquilo) vs. produção ternária (isto/isso/aquilo).

Na terceira seção, apresentaremos os testes de aceitabilidade do uso dos demonstrativos invariáveis com referência pessoal em PB, bem como seu resultado. Nesta seção, buscamos observar a interpretação que o falante faz acerca da referência do demonstrativo invariável em algumas sentenças, buscamos observar também o tipo de avaliação que o falante faz acerca desse fenômeno ou da sentença, e quais situações melhores satisfariam esses falantes em determinadas posições discursivas.

Na quarta seção, apresentamos a noção de *N-effect* (SICHEL e WILTSCHKO, 2018b) e demonstrativo afetivo (POTTS e SCHWARZ, 2010). Na quarta seção, pode-se observar que esses fenômenos como o *this* afetivo, o *N-effect* e os demonstrativos invariáveis com referência pessoal em PB, deixam claro que os demonstrativos possuem características afetivas em mais de uma língua além do PB, como por exemplo: inglês, alemão, hebraico.

Por fim, apresentamos as considerações finais.



## 2 OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

De acordo com o *Glossário de Termos Linguísticos*<sup>5</sup>, “demonstrativo é um determinante usado deiticamente para indicar a localização espacial, temporal ou discursiva de um referente [...] e funciona como um modificador de um nome ou um pronome”.

De forma mais geral, pronomes demonstrativos são comumente definidos como dêiticos espaciais, indicando a localização de um referente e ocorrem em todas as línguas conhecidas do mundo (DIESSEL, 2006, p. 469).

Outro aspecto importante acerca da classe dos demonstrativos é que as crianças começam a usar os demonstrativos bem cedo (cf. CLARK e SENGUL, 1978; CLARK, 1987, 2003). Segundo Clark (1987), esse processo rápido de aquisição dos demonstrativos se dá pelo fato da sua função dêitica, semelhante ao que ocorre com a terceira pessoa plena (BERTOLINO e GROLLA, 2012).

Essa classe de palavras também possui um comportamento bem específico: eles podem ser contrastivos na sua referência dêitica, por exemplo, *isso-isto/aquilo* em português, e *this/that*, em inglês, como nos exemplos em (9) e (10):

- (9) a. **Isso** está **aqui** desde ontem.  
b. **Aquilo** está **lá** desde ontem.

- (10) a. **This** dog **here**.  
**Esse** cachorro **aqui**.  
b. **That** dog **there**.  
**Aquele** cachorro **lá**.

Por conta da sua natureza dêitica, o demonstrativo faz referência a algo de acordo com a posição das pessoas do discurso, como em (11), (12) e (13).

- (11) **Este** batom **em mim**.

---

<sup>5</sup> SIL: *Glossary of Linguistic Terms* (<https://glossary.sil.org/term/demonstrative>).

(12) **Esse** batom **em** **você**.

(13) **Aquele** batom **nela**.

Em (11), o referente está próximo de quem fala, em (12), próximo de com quem se fala e em (13), distante tanto de quem fala, quanto de com quem se fala.

Demonstrativos também possuem formas variáveis e invariáveis de gênero e número. Em outras palavras, o demonstrativo e o referente devem compartilhar os mesmos traços gramaticais, ou traços-φ (pessoa, número e gênero), como em (14) e (15):

(14) **Essas**<sub>(feminino/plural)</sub> cadeiras**amarelas**<sub>(feminino/plural)</sub>.

(15) **Aqueles**<sub>(masculino/plural)</sub> números**me**<sub>(masculino/plural)</sub> deram dor de cabeça.

A categoria de gênero no quadro dos pronomes demonstrativos do PB, exposta pela tradição gramatical, traz consigo apenas a identificação de uma categoria neutra que se resume a *isto*, *isso* e *aquilo* (cf. NUNES, 1919; CUNHA e CINTRA, 1986; ALMEIDA, 1998; NEVES, 2000).

Por outro lado, há quem que considerem que tal categoria não possua forma neutra, mas sim uma forma feminina representado por *esta*, *essa* e *aquela* e todo o restante masculino, representado por *este*, *esse*, *aquele*, *isto*, *isso*, e *aquilo* (cf. BECHARA, 2006).

Para esta análise, adotaremos a concepção de demonstrativos variáveis (*este*, *esse*, *aquele* e *esta*, *essa* e *aquela*) e demonstrativos invariáveis (*isto*, *isso*, e *aquilo*), sendo este último também considerado como *categoria neutra*, com base em Câmara Jr., (2002 [1970]), Cunha e Cintra, (1986); Almeida, (1998); Neves, (2000); Legdeway, (2012).

Quanto a função dêitica dos pronomes demonstrativos, essa será baseada a partir das relações espaciais entre os participantes discursivos, isto é, as relações espaciais entre o *falante* e o *ouvinte*, de acordo com as gramáticas normativas de Cunha e Cintra, (1986); Almeida (1998); Bechara (2006); e a gramática descritiva de Neves (2000).

Também levaremos em conta a produção indistinta entre *esse-este*, *essa-esta* e *isso-isto*, como proposto nos estudos de Câmara Jr., (2002 [1970]); Marcuschi, (1997); Castilho, (2012), tendo como preferência as formas *esse*, *essa* e *isso*.

Tal configuração descrita acima pode ser observada no (Quadro 1):

**QUADRO 1 – PARADIGMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS**

|   | Demonstrativos Variáveis |           | Demonstrativos Invariáveis |
|---|--------------------------|-----------|----------------------------|
|   | Masculino                | Feminino  | Categoria neutra           |
| Perto de quem fala ou longe de quem fala ou perto de com quem se fala | Este(s)                  | Esta(s)   | Isto                       |
|   | Esse(s)                  | Essa(s)   | Isso                       |
| Longe de quem fala e de com quem se fala                              | Aquele(s)                | Aquela(s) | Aquilo                     |

Fonte: elaboração própria.

## 2.1 OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS EM GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS

A tradição gramatical do PB<sup>6</sup> define o paradigma pronominal dos demonstrativos de forma diversa, variando de acordo com cada autor, não havendo consenso sobre uma definição ou mesmo uma repartição entre as formas variáveis (*este*, *esse*, *aquele* e *esta*, *essa* e *aquela*) e invariáveis (*isto*, *isso* e *aquilo*).

Duas características, em especial, tendem a ser muito discutida acerca dessa categoria pronominal: os pronomes demonstrativos podem funcionar como *pronomes adjetivos* ou como *pronomes substantivos*, sendo que as formas invariáveis nunca assumem valor de demonstrativo adjetivo, serão sempre demonstrativos substantivos.

Os demonstrativos são definidos como *pronomes adjetivos* quando modificam o substantivo, como em (16):

<sup>6</sup> Para essa análise, acerca das principais características dos demonstrativos invariáveis, serão consideradas, principalmente, as gramáticas de Cunha e Cintra (1986), Almeida (1998), Neves (2000), Bechara (2006). Para a análise da produção indistinta de *isto* e *isso* serão utilizados como referências bibliográficas, sobretudo, os estudos de Câmara Jr. (2002 [1970]), Rodrigues (1978), Marcuschi (1997) e Castilho (2012).

(16) **Aquelas** canetas são minhas.

Os demonstrativos são definidos como *pronomes substantivos* quando substituem os substantivos, como em (17) e (18):

(17) Minhas canetas são **aquelas**.

(18) **Isso** não é meu.

Além disso, também são sempre considerados como palavras fóricas, uma vez que conseguem recuperar o referente dentro do texto ou mesmo fora do contexto linguístico.

(19) Quando me davam um texto, eu já sabia como ia fazê-lo. Aí, **AQUELE** texto não me interessava.

(NEVES, 2000, p.491)

(20) Eu lhe agradeço a presença **nESTA** mesa, **nESTA** ceia.

(NEVES, 2000, p.491)

O exemplo em (19) apresenta uma referência ao contexto, retomando um outro elemento. Em (20), a referência é espaço-temporal e diz respeito à situação discursiva, sendo essa a natureza dêitica dos pronomes demonstrativos, situar os referentes discursivos no tempo e no espaço. Os demonstrativos também funcionam como pronomes anafóricos, retomando referentes que já foram mencionados anteriormente, ou àquilo que acabou de ser dito, como em (21):

(21) Quero todos os jogos. **Isso** é o que me faz economizar dinheiro.

Podem funcionar também como pronomes catafóricos, referenciando um termo subsequente, como em (22):

(22) Os assuntos para a prova são **estes**: geometria e trigonometria.

Também podem funcionar como pronomes exofóricos, ou seja, quando têm função dêitica, como em (23):

(23) **Isso** aí é meu! Quem mandou você pegar?

Com relação a natureza dêitica dos pronomes demonstrativos, o mesmo toma sempre como referência principal o local do falante ou o local do ouvinte com relação ao falante.

Os demonstrativos, segundo prescrições das gramáticas normativas, são sempre escolhidos com base no *Falante-Destinatário* e a posição que eles ocupam: o *isto* se refere a algo que está próximo ao *Falante*, o *isso* a algo que está próximo do *Destinatário* e *aquilo* a algo que está longe tanto do *Falante* quanto do *Destinatário*, possuindo, por isso, natureza dêitica, que, segundo Câmara Jr. (2002, p.90) é a

[f]aculdade que tem a linguagem de designar mostrando, em vez de conceituar. A designação dêitica, ou mostrativa, figura assim ao lado da designação simbólica ou conceptual em qualquer sistema lingüístico. Podemos dizer que o SIGNO lingüístico apresenta-se em dois tipos – o SÍMBOLO, em que um conjunto sônico representa ou simboliza, e o SINAL, em que o conjunto sônico indica ou mostra (...). O pronome é justamente o vocabulário que se refere aos seres por dêixis em vez de o fazer por simbolização como os nomes. Essa dêixis se baseia no esquema lingüístico das três pessoas gramaticais que norteia o discurso: a que fala, a que ouve e todos os mais situados fora do eixo falante-ouvinte.

Além disso, as gramáticas podem variar de acordo com o sistema espacial dos demonstrativos; alguns gramáticos defendem que ainda há o sistema ternário, a exemplo dos invariáveis: *isto*, *isso* e *aquilo*, enquanto outros autores já confirmam que esse sistema não vigora mais em PB, permanecendo o sistema binário, a exemplo dos invariáveis: *isto-isso* e *aquilo* (cf. CÂMARA JR., 2002 [1970]; MARCUSCHI, 1997; CASTILHO, 2012), dessa forma, *isso* e *isto* seriam usados de forma indistinta, contrastando apenas com o *aquilo*.

Logo, percebe-se que essa categoria ainda apresenta muitas divergências no que concerne às suas regras de uso. Para tanto, analisamos algumas gramáticas do

PB, sendo três de cunho normativo e uma descritiva, buscando ressaltar como cada gramática lida, ou não, com algumas das seguintes características acerca dos pronomes demonstrativos:

- I. Sua divisão em gênero;
- II. Sua natureza dêitica;
- III. Relação entre *pessoa gramatical* e espaço-tempo;
- IV. Valor *afetivo* dos demonstrativos;
- V. Produção ternária vs. binária.

### 2.1.1 Os pronomes demonstrativos segundo Bechara (2006)

Segundo Bechara (2006), em sua gramática normativa intitulada *Moderna Gramática Portuguesa*, os pronomes demonstrativos são responsáveis por indicar a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso, em que *este* é próximo da pessoa que fala (1ªP); *esse* está longe da pessoa que fala (1ªP) mas perto da pessoa com que se fala (2ªP); e *aquela* está distante tanto de quem fala (1ªP) quanto de quem se fala (2ªP). Com base nisso, os pronomes demonstrativos são responsáveis por indicar a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso, isso é:

1ª pessoa: este, esta, isto (perto de quem fala)

2ª pessoa: esse, essa, isso (longe de quem fala/perto de com quem se fala)

3ª pessoa: aquele, aquela, aquilo (longe de quem fala e de com quem se fala)

Entretanto, salienta que nem sempre esses pronomes são utilizados com o rigor a que propõem as gramáticas.

Bechara também pontua que quando o falante procura mostrar “interesse” ou “agrado”, opta pela forma *este* no lugar de *esse*, “[n]a linguagem animada, o interesse do falante pode favorecer uma aproximação figurada, imaginária, de pessoa ou coisa que realmente se acham afastadas dos que falamos. Esta situação exige *este* [...]” (BECHARA, 2006, p. 187).

Segundo o autor, isso ocorre porque esses demonstrativos são responsáveis por marcar a proximidade das coisas em relação aos seres do discurso, isso implica dizer que, nesse caso, o falante opta por afastar ou aproximar tal referente.

Segundo Bechara (ibid.), o paradigma dos pronomes demonstrativos no português é constituído por duas formas (masculino e feminino) e três pessoas, como ilustrado no (Quadro 2) abaixo:

**QUADRO 2 – PARADIGMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS EM PB DE ACORDO BECHARA (2006)**

|   | FORMAS MASCULINAS |               | FORMAS FEMININAS |
|---|-------------------|---------------|------------------|
| <b>1ª Pessoa - Perto de quem fala</b>                           | <i>isto</i>       | <i>este</i>   | <i>esta</i>      |
| <b>2ª Pessoa - Longe de quem fala/Perto de com quem se fala</b> | <i>isso</i>       | <i>esse</i>   | <i>essa</i>      |
| <b>3ª Pessoa - Longe de quem fala e de com quem se fala</b>     | <i>aquilo</i>     | <i>aquele</i> | <i>aquela</i>    |

Fonte: Bechara (2006).

Quanto à função dêitica dos demonstrativos, Bechara (2006, p. 190) salienta a utilização de advérbios dêiticos como *aqui, aí, ali, acolá: este aqui, esse aí, aquele ali* ou *acolá* para reforçar os demonstrativos, isto é, “[a] necessidade de avivar a situação dos objetos e pessoas tratados pelo falante o leva a reforçar os demonstrativos com os advérbios dêiticos”.

Ao levarmos em consideração a gramática de Bechara (2006), não há, portanto, demonstrativos invariáveis, mas sim uma categoria feminina composta por *esta, essa e aquela* e todo o restante masculino.

## 2.1.2 Os pronomes demonstrativos segundo Almeida (1998)

Tomando como modelo uma outra gramática normativa, Almeida (1998), na *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, propõe que os demonstrativos são aqueles que denominam a palavra, que localizam ou identificam o substantivo.

Apesar de não propor uma distinção nas produções dêiticas e anafóricas dos pronomes demonstrativos, Almeida deixa claro a natureza espaço-temporal dessa categoria pronominal através da relação das pessoas discursivas e das produções anafóricas e catafóricas que podem ocorrer através da produção dos demonstrativos.

Almeida (1998, p.184) divide os demonstrativos em duas categorias: a) aqueles responsáveis por *localizar*, isto é, que determinam o lugar (*este, esse, aquele* e suas variantes em gênero); e b) aqueles que *identificam* a coisa que se nomeia (*mesmo, próprio, tal* e suas variantes em gênero). No que diz respeito à categoria responsável por *localizar*, isto é, que determinam o lugar, Almeida (1998) propõe a seguinte configuração, como pode-se observar no (Quadro 3):

**QUADRO 3 - PARADIGMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS EM PB DE ACORDO ALMEIDA (1998)**

| Responsáveis por <i>localizar</i> o substantivo |                  |               |
|---|------------------|---------------|
| Masculino                                       | Feminino         | Neutro        |
| <i>Este(s)</i>                                  | <i>Esta(s)</i>   | <i>isto</i>   |
| <i>Esse(s)</i>                                  | <i>Essa(s)</i>   | <i>isso</i>   |
| <i>Aquele(s)</i>                                | <i>Aquela(s)</i> | <i>aquilo</i> |

Fonte: Almeida (1998).

Assim, Almeida (1998, p.185) atesta uma categoria neutra dentro do quadro dos pronomes demonstrativos, diferentemente de Bechara (2006).

Já no que tange a concordância desses demonstrativos “[...] em tais casos, o demonstrativo toma o gênero e número do termo de comparação: *Estes* (masc. pl.) como *brutus* (masc. pl.) – *Estas* (fem. pl.) como *ninfas* (fem. pl.) (ALMEIDA, 1998, p. 185)”. Isto é, é preciso que o demonstrativo e o substantivo a que se faça referência, compartilhem dos mesmos traços gramaticais.



Já para *identificar a coisa que se nomeia*, isso seria feito através dos demonstrativos *mesmo*, *próprio* e *tal* e suas variantes femininas, *mesma*, *própria* e *tal*, disponíveis no (Quadro 4).

**QUADRO 4 – PARADGIMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS EM PB, RESPONSÁVEIS PELA IDENTIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS, DE ACORDO COM ALMEIDA (1998)**

| Responsáveis por identificar a coisa que se nomeia |          |
|--|----------|
| Masculino  | Feminino |
| Mesmo  | Mesma    |
| Próprio  | Própria  |
| Tal  | Tal      |

Fonte: Almeida (1998).

Desta forma, infere-se que os demonstrativos neutros são responsáveis por localizar o substantivo e não marcar gênero, pois, para tal função, há as formas variáveis em gênero e número.

### 2.1.3 Os pronomes demonstrativos segundo Cunha e Cintra (1986)

Cunha e Cintra em *Nova Gramática do Português Contemporâneo* definem os pronomes demonstrativos como aqueles responsáveis por situar as pessoas ou as coisas designadas no tempo ou no espaço com as pessoas gramaticais.

Segundo os autores, a função principal dos demonstrativos está em sua natureza dêítica, isto é, Cunha e Cintra (1986, p. 231) definem que “[a] capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo [...] é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes”.

Para além de sua função dêítica, os autores chamam atenção para a função anafórica desses demonstrativos, que seria a característica de lembrar ao ouvinte ou ao leitor, algo que já foi mencionado ou que se vai mencionar (CUNHA e CINTRA, 1986, p. 233).

No (Quadro 5), proposto por Cunha e Cintra, (1986, p. 234), pode-se observar a divisão que os autores fazem acerca de *gênero*, logo, dividem os demonstrativos *variáveis* e *invariáveis*, bem como apresentam o sistema ternário:

**QUADRO 5 - PARADIGMA PRONOMINAL DOS DEMONSTRATIVOS EM PB DE ACORDO COM CUNHA E CINTRA (1986)**

| Variáveis |         |          |         | Invariáveis |
|-----------|---------|----------|---------|-------------|
| Masculino |         | Feminino |         | Neutro      |
| este      | estes   | esta     | estas   | isto        |
| esse      | esses   | essa     | essas   | isso        |
| aquele    | aqueles | aquela   | aquelas | aquilo      |

Fonte: Cunha e Cintra (1986).

Além disso, os autores chamam atenção para o fato de que, apesar de haver na língua o sistema ternário as regras de aplicação desse sistema não são “rigorosamente obedecidas na prática”, (cf. CUNHA e CINTRA, 1986, p. 235).

Além dessas questões, Cunha e Cintra também elencam uma série de outros empregos que essa classe de pronomes pode se referir, dentre eles o reforço “por motivo de ênfase ou clareza, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos acompanhar o DEMONSTRATIVO de algum gesto indicador, ou reforça-lo” (CUNHA e CINTRA, 1986, p. 238), além de chamar atenção para o *uso afetivo* desses pronomes.

Assim como Bechara (2006), que também menciona o valor afetivo e, por vezes, depreciativo, que o demonstrativo pode ressaltar em alguns casos de alternância entre *este* e *esse*, Cunha e Cintra (1986) destacam a natureza de *gesto verbal* que tem esses pronomes, em particular ao sentido irônico que pode ser atribuído. Segundo Cunha e Cintra, isto é possível porque

[o]s demonstrativos reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros “gestos verbais”, acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos. A capacidade de fazerem aproximar ou destacar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes

expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos. (CUNHA e CINTRA, 1986, p. 238).

(24) **Aquilo**, aquele pobre homenzinho amarelento, dessorado, chocho...

(CUNHA e CINTRA, 1986, p.239)

Entretanto, segundo os autores, o mesmo tipo de fenômeno também pode atribuir valor positivo, de apreço, como em (25) e (26):

(25) **Aquilo** é que são homens fortes!

(26) Bonita mulher. Como **aquilo** vê-se pouco. Ele teve sorte.

(CUNHA e CINTRA, 1986, p.239)

Tais contextos foram muito bem observados por Cunha e Cintra, e, de fato, podem ser entendidos e lidos como situações de apreço. Entretanto, esses contextos em (25) e (26) diferem de (24) no sentido em que a expressão em (25) não é um sujeito determinado como em (24), mas sim funciona como uma terceira pessoa indefinida com leitura de classe, e a expressão em (26) o *aquilo* é um elemento anafórico que retoma o NP *bonita mulher*.

Ainda assim, esse tipo de exemplo em (26) não possui caráter de apreço, e sim objetificador. Em (26), estão implicadas questões socioculturais que ultrapassam as questões linguísticas, como o machismo e a objetificação da mulher, logo, não se pode dizer que esse tipo de sentença atribua algum tipo de apreço positivo.

Cunha e Cintra (1986), dentre as gramáticas analisadas aqui, são quem mais desenvolve a natureza afetiva dos pronomes demonstrativos, levando em consideração tanto a categoria variável em gênero e em número, quanto a categoria invariável.

Entretanto, Cunha e Cintra (1986) atribuem a esse caráter afetivo dos demonstrativos, assim como Bechara (2006), apenas o fator espacial de distanciar os seres em relação às pessoas do discurso, e não à referência pessoal que esses pronomes, em alguns casos, podem possuir.

### 2.1.4 Os pronomes demonstrativos segundo Neves (2000)

Em *Gramática de Usos do Português*, escrita por Neves (2000), de caráter descritivo, quanto à categoria gênero, a autora elenca nos demonstrativos que há as formas variáveis, feminino e masculino, e as formas invariáveis, que não possuem morfologia de gênero.

No que tange os valores afetivos expressos pelos pronomes demonstrativos, Neves (2000) propõe que os demonstrativos podem produzir matizes afetivos se antecederem substantivos abstratos de qualidade para se referir a pessoas, como em (27), em que *essa belezinha* procura atribuir um valor afetivo ao referente.

(27) Já falei pra **essa belezinha**, estude pra passar de ano, não vou pagar recuperação pra ninguém!

Além disso, a autora propõe que os demonstrativos podem ser endofóricos, quando usados como referenciador textual, ou seja, de modo anafórico e catafórico; ou exofóricos, quando usados como referenciador situacional, que é a referência dêitica. Esse é, sem dúvidas, o ponto alto da definição de Neves. Os demonstrativos são comumente definidos como dêiticos, e essa é uma de suas características mais específicas.

## 2.2 OS PRONOMES DEMONSTRATIVOS EM PERSPECTIVA LINGUÍSTICA

Visto essas diferentes maneiras de lidar com os demonstrativos presentes em alguns exemplos de gramáticas do português, trabalhos fundamentados em modelos teóricos da linguística moderna procuram apontar caminhos para entender melhor a classe dos pronomes demonstrativos (cf. RODRIGUES, 1978; CÂMARA JR, 2002 [1970]; PONTES, 1978; CASTILHO, 2012).

Câmara Jr. (2002 [1970]) atesta que a diferença entre os pronomes e o nome se dá através da relação entre os falantes do discurso, isto é, os nomes possuem sentido mesmo isoladamente, enquanto os pronomes precisam da situação

estabelecida entre as pessoas do discurso; as chamadas *pessoas gramaticais*, a saber: *falante* e *ouvinte*.

Segundo Câmara Jr. (2002 [1970]), no que tange aos pronomes demonstrativos, as formas com morfologia de gênero são responsáveis pelos seres animados, enquanto as formas invariáveis são responsáveis por seres [-animado], como as coisas. No entanto, Rodrigues (1978), reforçado posteriormente por Castilho (2012), propõe que *isso*, *isto* e *aquilo* não precisam, necessariamente, da ausência de animacidade, mas sim da ausência de especificidade, isto é, não distinguir gênero ou número.

As formas invariáveis dos demonstrativos, deveriam então, em tese, se referir a seres inanimados ou coisas abstratas, uma vez que, em comparação com a sua contraparte com morfologia de gênero, eles serão usados apenas como pronomes, e não como modificadores.

Os demonstrativos podem ocorrer de diversas formas para além daquelas propostas pelas gramáticas normativas e observadas em outros estudos anteriores (cf. BECHARA, 2006; ALMEIDA, 1998; CÂMARA JR. 2002 [1970]), a saber:

- i. Suas formas invariáveis – *isso*, *isto* e *aquilo* - aparentemente podem retomar seres animados;

(28) **Isso é o amigo de Paulo.**

- ii. Em PB, não vigora o sistema ternário proposto pelas gramáticas normativas, sendo necessário adjuntos adverbiais como *aqui* e *aí*, para desfazer ambiguidades;

(29) Eu sempre quis comprar **isso aqui**, precisei juntar dinheiro mês passado. Mas **isso aí** eu não faria questão nenhuma.

Desta forma, o *isso*, sendo a forma neutra de *esse* e *essa*, seria responsável por *localizar* o substantivo enquanto as suas formas marcadas seriam responsáveis por informar morfossintaticamente características como gênero, por exemplo. Sobre este aspecto, Lyons (1977) afirma que

“A situação com respeito aos dêiticos pronominais é mais complexa: os assim chamados pronomes de terceira pessoa do singular (ele, ela, isso) distinguem-se por gênero, mas não por proximidade, enquanto os pronomes demonstrativos distinguem-se por proximidade, e número, mas não gênero, e suas formas são idênticas às formas dos adjetivos demonstrativos (LYONS, 1977, p. 650, tradução nossa).<sup>7</sup>

Em línguas como o inglês, os pronomes demonstrativos fazem referência à distância e a número, mas não a gênero, conforme os dados em (30) e (31):

(30) **This** pen is yours.

**Esta** caneta é sua.

(31) **These** aren't my glasses.

**Estes** não são meus óculos.

No PB, a classe dos pronomes demonstrativos se comporta de maneira diferente: os demonstrativos marcam não só proximidade e número, como também gênero. Os demonstrativos invariáveis, quando usado para referenciais sem marcação de gênero, como sentenças ou enunciados, por exemplo, conseguem dar conta da referencialidade sem que se altere ou acrescente algum tipo de valor afetivo:

(32) Juliana passou no vestibular, **isso** aconteceu pois ela estudou muito.

No exemplo em (32), pode-se perceber que o *isso* se refere à sentença “Juliana passou no vestibular”, isto é, refere-se a uma *situação*. O mesmo não acontece em (33):

(33) **Isso** não é um cantor, não compõe músicas, só sabe fazer barulho.

---

<sup>7</sup> “[t]he situation with respect to pronominal deictics is more complex: the so-called third-person singular pronouns ('he', 'she', 'it') are distinguished for gender, but not for proximity, whereas the demonstrative pronouns are distinguished for proximity, and number, but not for gender, and their forms are identical with the forms of the demonstrative adjectives (LYONS, 1977, p. 650).

Em (33) nota-se que *isso* está fazendo referência a um ser animado e humano que exerce a função social de cantor, desta forma, esse tipo de sentença busca exaltar, ainda mais, uma opinião negativa quanto a alguém.

Essa diferença comportamental entre os neutros e os pronomes demonstrativos de gênero marcado, parece se dar devido a uma alternância de gênero marcado masculino/feminino para o neutro.

O demonstrativo neutro *isso* acaba sendo responsável por referenciais com traço [+humano], tanto masculino quanto feminino, o que ocasiona, conseqüentemente, a leitura de outros significados do DP referente.

Entretanto, a utilização de um pronome demonstrativo neutro, onde deveria haver, segundo prescrições da gramática normativa, um pronome demonstrativo de gênero marcado em seu lugar, não acarreta em agramaticalidade das sentenças, mesmo que o sentido tenha valor mais depreciativo ou irônico.

- (34) a. Quem é **essa** que você está saindo?  
b. Quem é **isso** que você está saindo?

- (35) a. **Esse** é meu primo.  
b. **Isso** é meu primo.

Pode-se observar que nos exemplos acima, tanto em (34b) quanto em (35b) a produção do demonstrativo neutro para referenciais humanos é possível e gramatical.

Entretanto, pode-se inferir que há uma leitura irônica, pejorativa ou restritiva nestes mesmos exemplos, o que, ao contrário de (34a) e (35a) em que há apenas pronomes substantivos demonstrativos que remetem a referenciais [+animado] de gêneros feminino e masculino, respectivamente.

Nas gramáticas normativas, no que tange às definições dos pronomes demonstrativos, pode-se observar que há uma dualidade entre a concepção de neutro no PB.

Segundo Câmara Jr, a própria noção de gênero, dentro das gramáticas normativas, se faz de forma muito arbitrária, ou “incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais do português” em que se é colocada a flexão de gênero. (2002, p. 78).

Carvalho e Nascimento (1977, p. 82) propõem que as classes de pronomes demonstrativos e indefinidos são vestígios dos nomes neutros do latim vulgar.

Legdeway (2012), em seus estudos sobre as línguas românicas, também atesta que há a categoria de gênero neutro dentro dos demonstrativos da língua portuguesa, remanescentes do neutro latino.

Entretanto, autores como Bechara (2006) nega a existência de uma categoria neutra no português apesar de mencionar que tradicionalmente a série *isto*, *isso*, *aquilo* e *o* (invariável) é dada, em algumas gramáticas, como remanescente do neutro latino, mas que, para o autor, isso não é o acontece, já que não há gênero neutro no português, sendo portanto, masculino.

Os estudos de Nunes (1919), Câmara Jr (2002 [1970]), Almeida (1998) e Legdeway (2012) apontam para a possibilidade de haver o gênero neutro dentro dos pronomes demonstrativos, e é através dessas concepções, que este trabalho se baseia no que se refere a *gênero* dentro da categoria dos pronomes demonstrativos.

### **2.2.1 *Isto e Isso*: uma redução do quadro pronominal demonstrativo**

O Português Europeu (PE) possui um sistema ternário bem consolidado na fala, aonde os falantes distinguem com clareza as formas *esse*, *este* e *aquela* (cf. Pereira, 2005). No que diz respeito ao PB falado, atualmente, a distinção entre as formas *isso* e *isto* – bem como suas contrapartes com morfologia de gênero – já não se encontram presentes na fala, e a distinção de uma forma, em detrimento de outra, quando ocorre, fica restrita ao campo da escrita (Câmara Jr, 2002 [1970]).

Há três conceitos básicos que definem o comportamento dos demonstrativos de localidade: *este*, *esta*, *isto*, próximo de quem fala; *esse*, *essa*, *isso*, próximo de quem ouve; e *aquela*, *aquela*, *aquilo*, longe de quem fala e de quem ouve. Entretanto, pode-se observar, como nos estudos de Câmara Jr. (2002 [1970]) que esse sistema no PB vem deixando de ser absoluto. No PB falado, atualmente, esse tipo de sistema



deixou de ser ternário para ser binário, isso quer dizer que há apenas duas formas (*esse-este/aquela*) que são, de fato, produzidas pelo falante.

Apesar da mudança em relação à sua contraparte padrão apresentada pelas gramáticas normativas, o sistema pronominal dos demonstrativos de forma binária *isso/aquilo* continua tendo como base a posição – sobretudo espacial – que o *Falante* e o *Destinatário* ocupam no decorrer da elocução, sendo tal aspecto essencial para a produção do demonstrativo.

As relações pronominais são sempre dadas em função de orientação de enunciação, o que não é, necessariamente, orientação de discurso. Esse tipo de orientação, por discurso, é algo de natureza pragmática, funcional, e tem a ver com questões externas à sentença. A enunciação a que se diz respeito no presente estudo, tem a ver com as relações do ato de fala, e não com o discurso em si. Marchuschi (1997) atesta para a diferença do uso desses pronomes na fala e na escrita, tendo como a distinção entre uma forma ou outra a intenção do falante de entonação da mensagem.

A forma *isto* seria utilizada para um referencial perto de quem fala, o *isso* perto de com quem se fala e o *aquilo* perto de quem se fala. O *isso* seria para algo próximo, o *isto* para uma posição média e o *aquilo* para uma posição ainda mais distante. Entretanto, apesar das muitas regras de uso desses pronomes, pode-se perceber que há uma neutralização no que tange o uso dos pronomes demonstrativos neutros *isto* e *isso*, prevalecendo só uma ou outra ou usando de modo indistinto (cf. CASTILHO, 2012; RODRIGUES, 1978).

Assim, este estudo leva em conta as pesquisas de Câmara Jr. (2002 [1970]) e Castilho (2012) que mostram que a produção preferencial é do *isso* em detrimento de *isto* (assim como *esse* e *essa*, em detrimento de *este* e *esta*). Portanto, para essa pesquisa, levando em consideração os trabalhos mencionados acima, consideramos que a produção de *isso* é maior do que a de *isto*, priorizando, desta forma, o *isso*. Deste modo, tomamos como modelo de análise o quadro binário de produção dos demonstrativos.

### 3 JULGAMENTO DE ACEITABILIDADE DOS DEMONSTRATIVOS PESSOAIS

Nesta seção, apresentamos os testes de aceitabilidade dos demonstrativos com referência pessoal em PB. Com esses testes, buscamos visualizar o nível de aceitação desse fenômeno pelos falantes do PB e suas principais estratégias para marcar valor negativo através de escolha de uso entre os demonstrativos variáveis ou invariáveis, e pronomes pessoais, e como se comportam na presença do pronome relativo *quem* em interrogativas.

Para a aplicação do teste não houve o rigor do experimento proposto pela psicolinguística, pois o objetivo inicial do trabalho era apenas verificar a existência do fenômeno e não comprovar alguma hipótese além disso. Entretanto, aproveitou-se para verificar alguns contextos sintáticos.

Além disso, o recorte no demonstrativo *isso* presente no teste se deve, também, ao objetivo inicial deste trabalho, que consistia em mapear o comportamento desse demonstrativo especificamente. Isso não quer dizer, no entanto, que a referência pessoal com *isto* e *aquilo* não ocorra em PB, tais dados, com *isto* e *aquilo*, são apresentados em outras seções deste trabalho.

#### 3.1 MÉTODOS

Entendemos que o uso de demonstrativos com referência pessoal não é encontrado nos manuais de gramática e, além disso, tem usos restritos, em contextos específicos. A partir disso, viu-se a necessidade de realização de alguns testes de julgamento de aceitabilidade com falantes do PB.

Para tanto, realizamos um experimento de julgamento de aceitabilidade com sentenças contendo esse demonstrativo, a fim de verificar quais contextos sintáticos a leitura negativa é mais provável.

Assim, tentamos verificar as possíveis leituras dos pronomes demonstrativos invariáveis, dentre elas a leitura apreciativa negativa, aplicamos um teste experimental

off-line de julgamento imediato de aceitabilidade das leituras apreciativas de sentenças contendo tais pronomes.

O teste foi realizado através de ferramenta de formulário, através do método experimental, baseado na aplicação de questionário. A coleta dos dados foi feita através da ferramenta de formulários Google, dividido em 4 (quatro) blocos, sendo ao todo, 21 (vinte e uma) perguntas e mais uma pergunta sobre o estado de nascença do falante, sendo todas as perguntas obrigatórias para a conclusão do formulário. O formulário ficou disponível durante o período de 1 (um) mês, do dia 20 de junho de 2018 ao dia 20 de julho de 2018, e obteve o total de 88 informantes.

As sentenças foram, principalmente, interrogativas e copulares (com estrutura *DP-cópula-DP*<sup>8</sup>), visto que esses tipos de sentenças foram as mais encontradas durante o período que observamos esse fenômeno, sobretudo as sentenças interrogativas.

O teste foi dividido em blocos de sentenças; o **BLOCO 1** diz respeito a interpretação que o falante faz acerca da referência do demonstrativo invariável nas sentenças; o **BLOCO 2** diz respeito a avaliação que o falante faz acerca da ocorrência do fenômeno na sentença; o **BLOCO 3** diz respeito à situação que melhor satisfaria o falante em determinada posição; por fim, o **BLOCO 4** busca mapear de que parte do Brasil são os falantes que realizaram o teste.

Nos dois primeiros blocos, não há a presença de contexto discursivo, a intenção era que os falantes assimilassem aquilo de acordo com a primeira interpretação relativa a cada sentença. No Bloco 3, entretanto, apresento contextos discursivos específicos, de modo a incluir o falante em uma determinada situação.

O questionário busca analisar, então: a) a ocorrência do demonstrativo invariável com referência pessoal no PB; b) a avaliação que esse tipo de fenômeno possa vir expressar em relação aos seus referentes; e c) os contextos em que esse fenômeno ocorre.

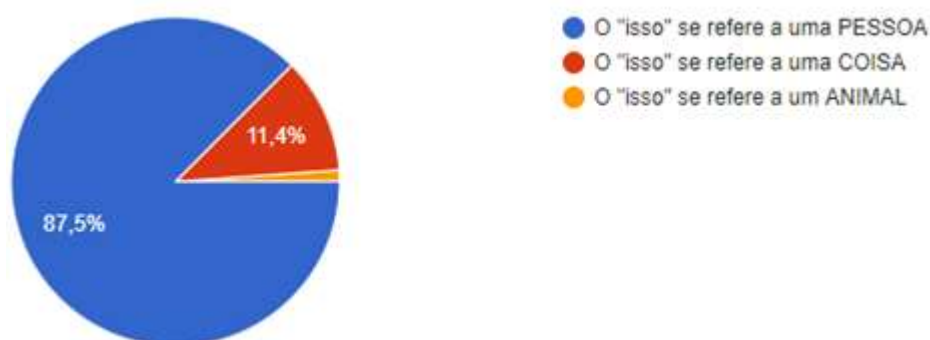
### 3.2 RESPOSTAS DO BLOCO 1 E 2

---

<sup>8</sup> Sintagma Nominal + verbo de ligação + Sintagma Nominal.

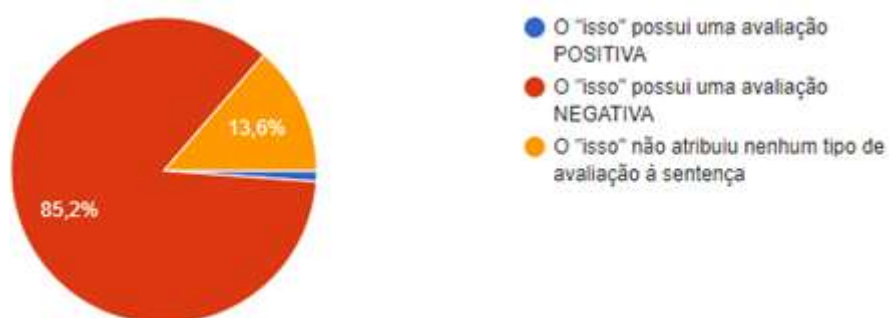
(36) Quem é **isso** que você está saindo?

Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à primeira pergunta do **Bloco 1**:



- i) **87,5%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **PESSOA**, contabilizando o total de 77 (setenta e sete) respostas;
- ii) **11,4%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **COISA**, contabilizando o total de 10 (dez) respostas;
- iii) **1,1%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a um **ANIMAL**, contabilizando o total de 01 (uma) resposta.

Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à segunda pergunta do **Bloco 2**:



- i) **1,1%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **POSITIVA**, contabilizando o total de 01 (uma) resposta;
- ii) **85,2%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **NEGATIVA**, contabilizando o total de 75 (setenta e cinco) respostas;

- iii) **13,6%** registram que o demonstrativo *isso* não atribuiu nenhum tipo de avaliação à sentença, contabilizando o total de 12 (doze) respostas.

Nesta sentença em (36), buscamos observar se o pronome relativo *quem* e o contraste com o demonstrativo invariável *isso* poderia inferir referência a um ser humano. A sentença foi amplamente aceita tendo como referência [+humano].

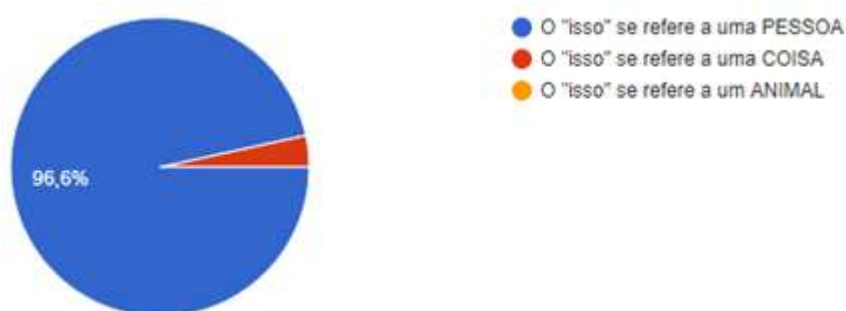
Quanto a avaliação que esses falantes fizeram desse fenômeno, também foi amplamente aceito que essa sentença interrogativa engatilha avaliação negativa no referente [+humano].

Esse tipo de sentença interrogativa, composta por pronome relativo e demonstrativo invariável, parece sempre engatilhar esse efeito de forma mais aceita do que outros contextos.

Assumimos aqui, que a natureza contrastiva dos pronomes demonstrativos invariáveis com pronomes pessoais ou demonstrativos invariáveis e pronomes relativos é um dos contextos que licenciam esse fenômeno.

- (37) Como você pôde convidar **isso** para a festa da Carla?

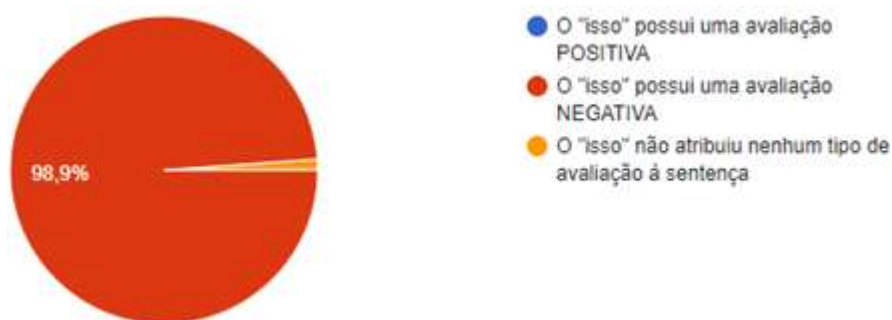
Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à segunda pergunta do **Bloco 1**:



- i) **96,6%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **PESSOA**, contabilizando o total de 85 (oitenta e cinco) respostas;
- ii) **3,4%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **COISA**, contabilizando o total de 03 (três) respostas;

- iii) **0,0%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a um **ANIMAL**, contabilizando o total de 0 (zero) respostas.

Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à segunda pergunta do **Bloco 2**:



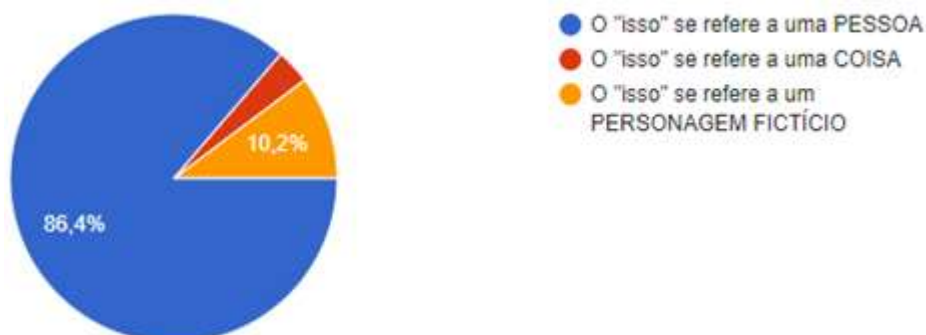
- i) **0,0%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **POSITIVA**, contabilizando o total de 0 (zero) respostas;
- ii) **98,9%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **NEGATIVA**, contabilizando o total de 87 (oitenta e sete) respostas;
- iii) **1,1%** registram que o demonstrativo *isso* não atribuiu nenhum tipo de avaliação à sentença, contabilizando o total de 01 (uma) resposta.

O exemplo em (37) também é amplamente aceito tendo como referente algo [+humano] e com avaliação negativa ao referente. Isso parece ocorrer por conta do verbo *convidar*.

Esse tipo de verbo deixa claro que a natureza do referente é [+humano], logo, assumimos também que, além da natureza contrastiva entre pronome demonstrativo e referente, que neste caso é feito através de *isso* e (*alguém*) *que foi convidado para a festa de Carla*, o traço de [+humano] é fundamental para que esse fenômeno ocorra.

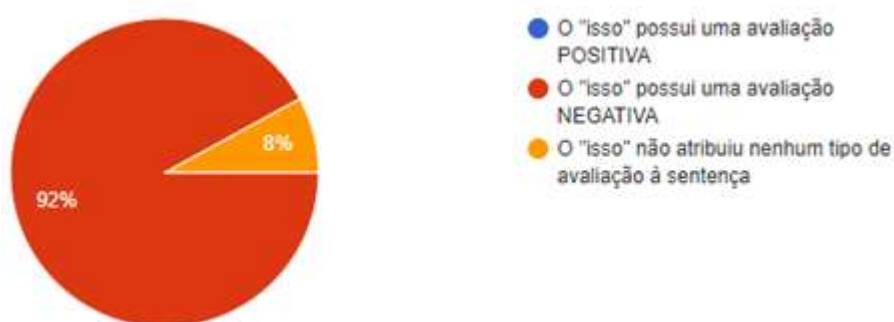
- (38) **Isso** é um monstro, **isso** nem é gente.

Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à terceira pergunta do **Bloco 1**:



- i) **86,4%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **PESSOA**, contabilizando o total de 76 (setenta e seis) respostas.
- ii) **3,4%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **COISA**, contabilizando o total de 03 (três) respostas.
- iii) **10,2%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a um **ANIMAL**, contabilizando o total de 09 (nove) respostas.

Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à terceira pergunta do **Bloco 2**:



- i) **0,0%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **POSITIVA**, contabilizando o total de 0 (zero) respostas;
- ii) **92%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **NEGATIVA**, contabilizando o total de 81 (oitenta e uma) respostas;

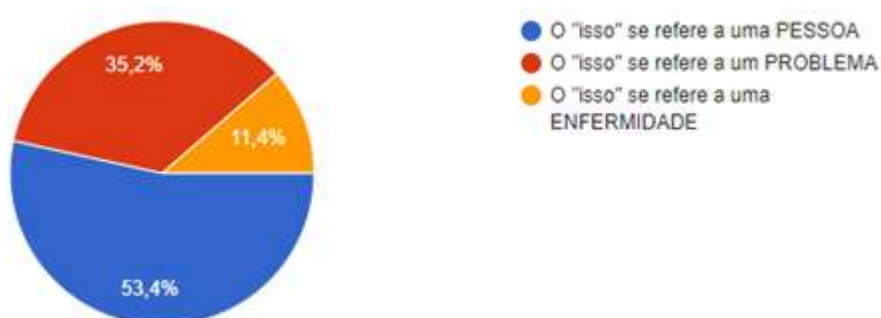
- iii) **8%** registram que o demonstrativo *isso* não atribuiu nenhum tipo de avaliação à sentença, contabilizando o total de 07 (sete) respostas.

Sentenças como *DP-cópula-DP*, como em (38), também são amplamente aceitas para a ocorrência desse fenômeno, [<sub>DP</sub> *isso* [<sub>VP</sub> *é* [<sub>DP</sub> *um monstro*]]].

Apesar de *isso nem é gente* tentar apagar o traço [+humano], essa sentença ainda foi amplamente aceita para referente [+humano], assim como a atribuição de avaliação negativa.

Tal sentença expõe um caráter pejorativo e irônico que só pode retomado através do compartilhamento desse referente entre falante e ouvinte, nesta sentença o referente está explícito, logo, foi de grande aceitação o referente [+humano].

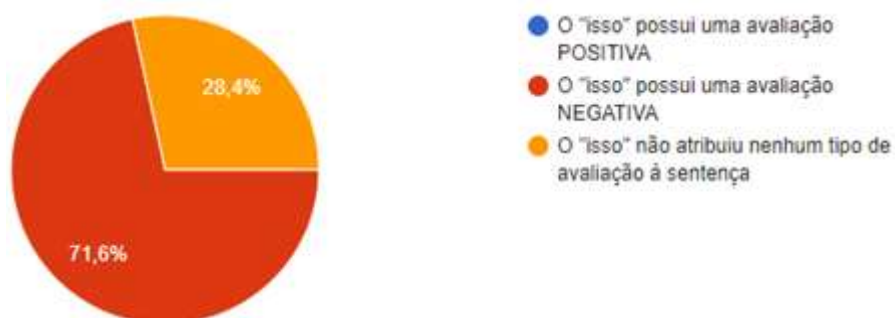
- (39) Depois que cresceu, **isso** está me dando uma dor de cabeça...



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à quarta pergunta do **Bloco 1**:

- i) **53,4%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **PESSOA**, contabilizando o total de 76 (setenta e seis) respostas;
- ii) **35,2%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a um **PROBLEMA**, contabilizando o total de 31 (trinta e uma) respostas;
- iii) **11,4%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **ENFERMIDADE**, contabilizando o total de 10 (dez) respostas.





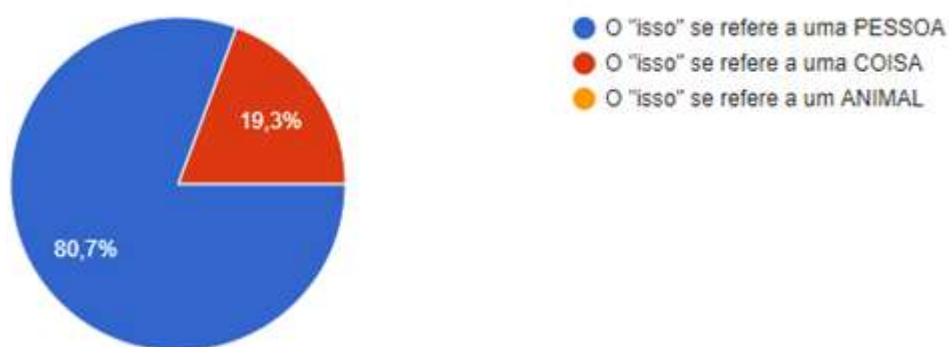
Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à quarta pergunta do **Bloco 2**:

- i) **0,0%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **POSITIVA**, contabilizando o total de 0 (zero) respostas;
- ii) **71,6%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **NEGATIVA**, contabilizando o total de 63 (sessenta e três) respostas;
- iii) **28,4%** registram que o demonstrativo *isso* não atribuiu nenhum tipo de avaliação à sentença, contabilizando o total de 25 (vinte e cinco) respostas.

Sentenças como (39), em que o referente não fica tão evidente, pode-se ter duas leituras: referente animado com leitura pejorativa, ou referente inanimado, em que a leitura não tem, necessariamente, avaliação negativa.

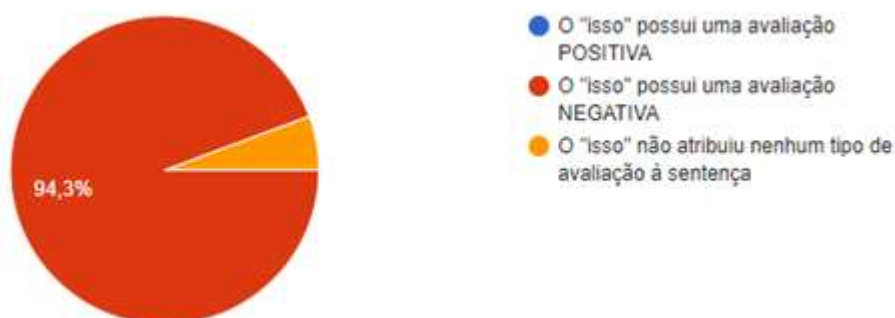
Um contexto de leitura com referente [+humano] para esse tipo de sentença poderia ser, por exemplo, um pai falando sobre sua filha adolescente. Essas sentenças que não possuem pronome relativo, ou algum outro contrastivo dentro do escopo da própria sentença, precisam de contextos específicos e referentes salientes que possam ser retomados, mesmo que de forma ostensiva, ou a leitura pode ser ambígua.

(40) É com **isso** aí que você está saindo?



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à quinta pergunta do **Bloco 1**:

- i) **80,7%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **PESSOA**, contabilizando o total de 71 (setenta e uma) respostas;
- ii) **19,3%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a um **COISA**, contabilizando o total de 17 (dezesete) respostas;
- iii) **0,0%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **ANIMAL**, contabilizando o total de 0 (zero) respostas.



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à quinta pergunta do **Bloco 2**:

- i) **0,0%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **POSITIVA**, contabilizando o total de 0 (zero) respostas;
- ii) **94,3%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **NEGATIVA**, contabilizando o total de 83 (oitenta e três) respostas;

- iii) **5,7%** registram que o demonstrativo *isso* não atribuiu nenhum tipo de avaliação à sentença, contabilizando o total de 05 (cinco) respostas.

A sentença em (40) não precisa, necessariamente, ter referencia [+humano]. Isso poderia ter como contexto discursivo a seguinte situação em (41):

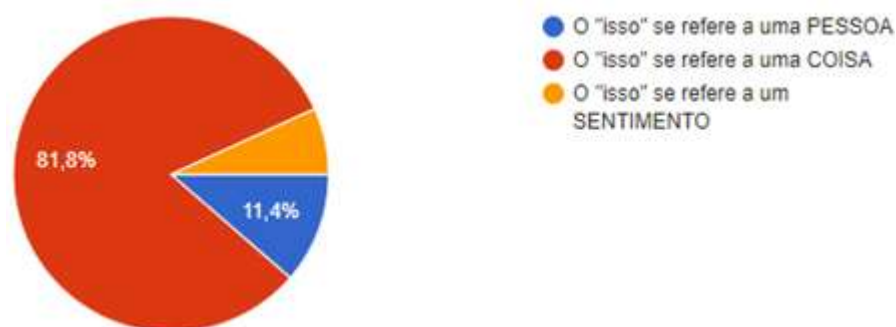
Contexto: um namorado recebe uma foto da namorada pela internet e pergunta acerca de sua roupa, considerada por ele curta:

(41) É com **isso** aí que você está saindo?

Em (41), *isso* poderia ter como referente algo inanimado e seria, neste caso, usado como demonstrativo substantivo, isto é, substituindo todo o sintagma nominal.

Ainda assim, essa sentença foi amplamente aceita tendo como referente [+humano] e sua avaliação amplamente aceita como negativa.

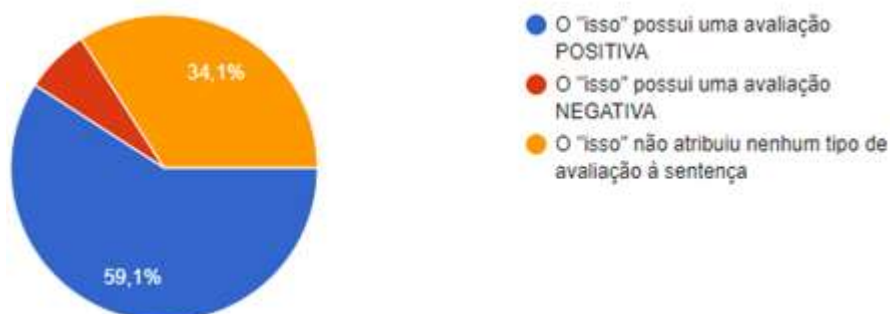
(42) Eu queria muito conquistar **isso**.



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à sexta pergunta do **Bloco 1**:

- i) **11,4%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **PESSOA**, contabilizando o total de 10 (dez) respostas;
- ii) **81,8%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a um **COISA**, contabilizando o total de 72 (setenta e duas) respostas;

- iii) **6,8%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **SENTIMENTO**, contabilizando o total de 06 (seis) respostas.



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à sexta pergunta do **Bloco 2**:

- i) **59,1%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **POSITIVA**, contabilizando o total de 52 (cinquenta e duas) respostas;
- ii) **6,8%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **NEGATIVA**, contabilizando o total de 06 (seis) respostas;
- iii) **34,1%** registram que o demonstrativo *isso* não atribuiu nenhum tipo de avaliação à sentença, contabilizando o total de 30 (trinta) respostas.

Em (42), essa sentença não foi bem aceita tendo como referência de *isso* algo [+humano]. Isso pode ter ocorrido pois o verbo *conquistar* infere, de certa forma, uma leitura apreciativa positiva, o que não ocorre no caso do fenômeno dos demonstrativos invariáveis com referência pessoal, como em (43):

- (43) Contexto: dois homens conversando, um deles menciona uma paixão que sente por uma mulher e relata ao outro homem:
- Eu queria muito conquistar **ela**.
  - \*Eu queria muito conquistar **isso**.

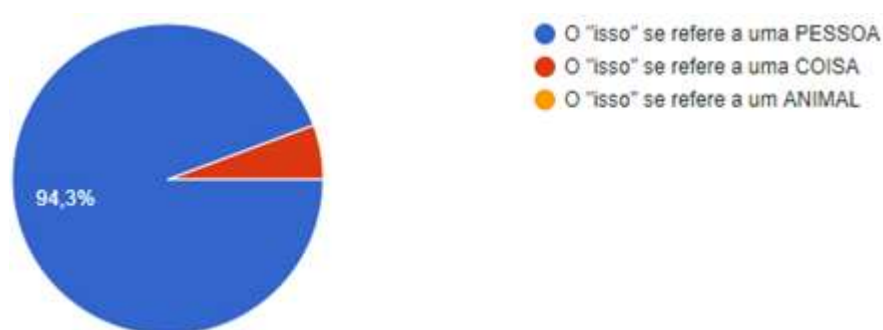
(43b) se torna agramatical pois não é possível inferir valor apreciativo positivo nesses contextos, tendo como referente [+humano], por isso, a preferência por algum

pronome que possua as marcas de *gênero* e *pessoa*, neste caso, o pronome pessoal feminino singular, *ela*.

Essa sentença só se torna gramatical e bem aceita, se tiver como referente algo inanimado, pois, através do seu uso canônico, os demonstrativos não atribuem valores afetivos deste tipo.

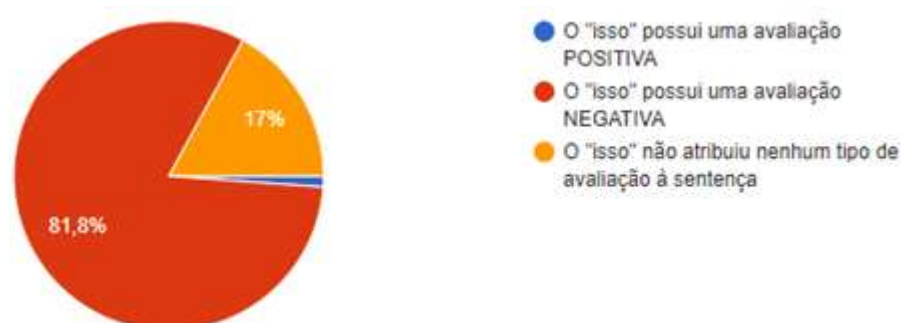
Nessa sentença em (42), o que ocorre, em realidade, é que o verbo atribui apreciação positiva, não o demonstrativo.

(44) Quem é **isso** com que você está saindo?



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à sétima pergunta do **Bloco 1**:

- i) **94,3%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **PESSOA**, contabilizando o total de 83 (oitenta e três) respostas;
- ii) **5,7%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a um **COISA**, contabilizando o total de 05 (cinco) respostas;
- iii) **0,0%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **ANIMAL**, contabilizando o total de 0 (zero) respostas.



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à sétima pergunta do **Bloco 2**:

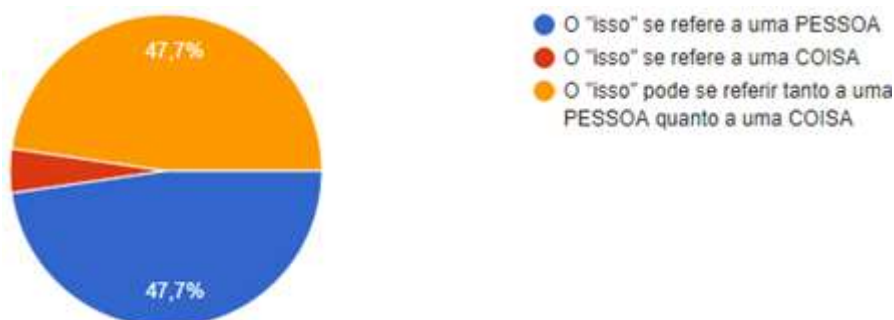
- i) **1,1%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **POSITIVA**, contabilizando o total de 01 (uma) resposta;
- ii) **81,8%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **NEGATIVA**, contabilizando o total de 72 (setenta e duas) respostas;
- iii) **17%** registram que o demonstrativo *isso* não atribuiu nenhum tipo de avaliação à sentença, contabilizando o total de 15 (quinze) respostas.

Assim como a sentença em (36), buscamos testar aqui se o pronome relativo *quem* em contraste com *isso* causaria algum efeito na sentença. Entretanto, diferentemente de (36), buscou-se aqui testar se *com que* faria diferença nesse contexto.

Aparentemente a sentença em (44) possui uma evidência apreciativa negativa um pouco maior do que a sentença em (36). Isso pode ser devido ao fato de que, além do contraste entre *quem* e *isso*, há também o contraste entre *quem* e *com que*, ao invés de *quem* e *com quem*.

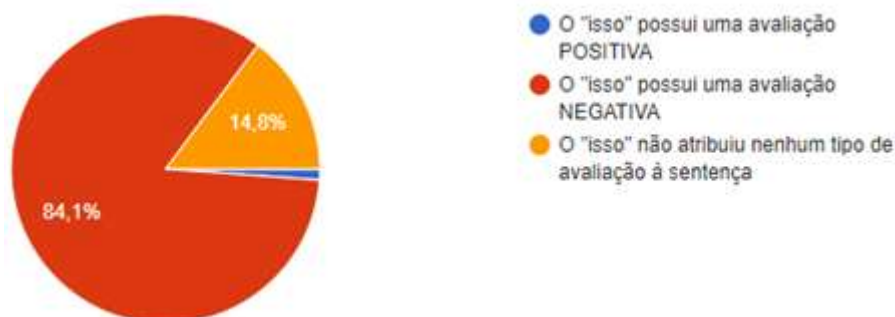
Apesar das duas sentenças em (36) e (44) possuírem porcentagens altas de aceitação de *isso* com referente [+humano], (44) possui porcentagem ainda maior.

(45) Você realmente se apaixonou por **isso**?



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à oitava pergunta do **Bloco 1**:

- i) **47,7%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **PESSOA**, contabilizando o total de 42 (quarenta e duas) respostas;
- ii) **4,5%** registram que o demonstrativo *isso* se refere a uma **COISA**, contabilizando o total de 04 (quatro) respostas;
- iii) **47,7%** registram que o demonstrativo *isso* pode se referir tanto a uma **PESSOA** quanto a uma **COISA**, contabilizando o total de 42 (quarenta e duas) respostas.



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à oitava pergunta do **Bloco 2**:

- i) **1,1%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **POSITIVA**, contabilizando o total de 01 (uma) resposta;
- ii) **84,1%** registram que o demonstrativo *isso* possui uma avaliação **NEGATIVA**, contabilizando o total de 74 (setenta e quatro) respostas;
- iii) **14,8%** registram que o demonstrativo *isso* não atribuiu nenhum tipo de avaliação à sentença, contabilizando o total de 13 (treze) respostas.

Em (45), por não ter um referente saliente no contexto discursivo, ocorre o mesmo que em (39) e a sentença pode ter duas possibilidades: referente animado com leitura pejorativa, ou referente inanimado, em que a leitura não tem, necessariamente, avaliação negativa, como nos contextos em (46) e (47).

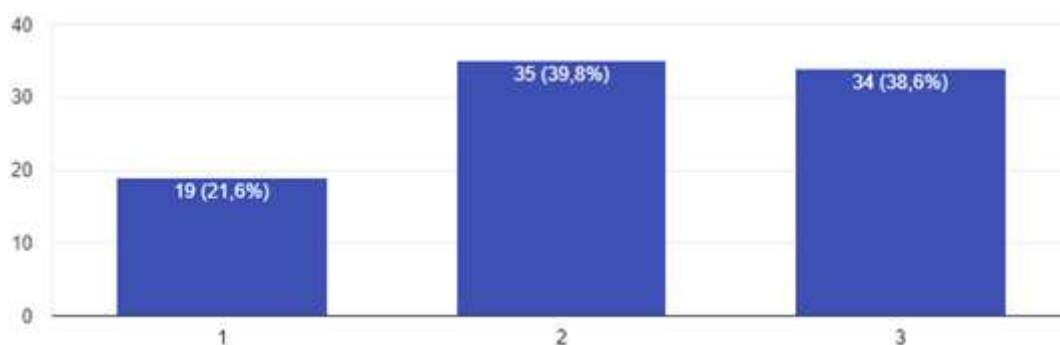
- (46) Contexto: Uma pessoa junta muito dinheiro para comprar um sapato excêntrico de uma grife. Uma segunda pessoa, referindo-se ao sapato, pergunta à primeira pessoa:
- Você realmente se apaixonou por **esse sapato**?
  - Você realmente se apaixonou por **isso**?
- (47) Contexto: Uma amiga, ironicamente, pergunta à outra, referindo-se ao atual namorado da amiga:
- Você realmente se apaixonou por **ele**?
  - Você realmente se apaixonou por **isso**?

Em (46), *isso* pode servir como demonstrativo substantivo, substituindo um sintagma nominal como visto em (46b.), ou pode ter referente [+humano], como em (47).

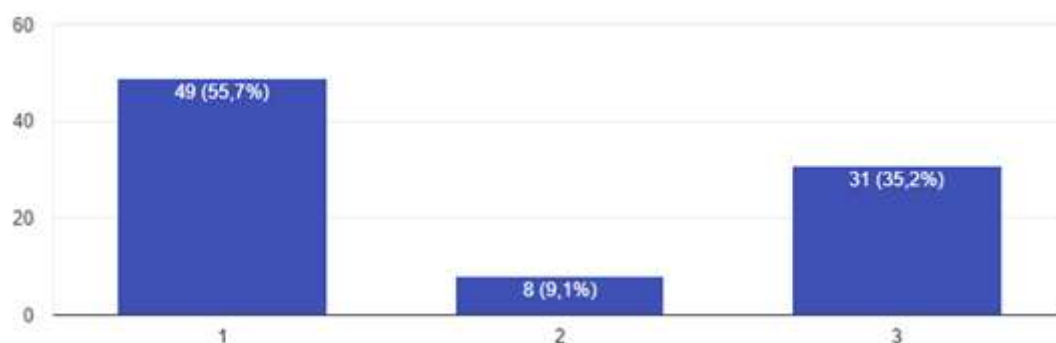
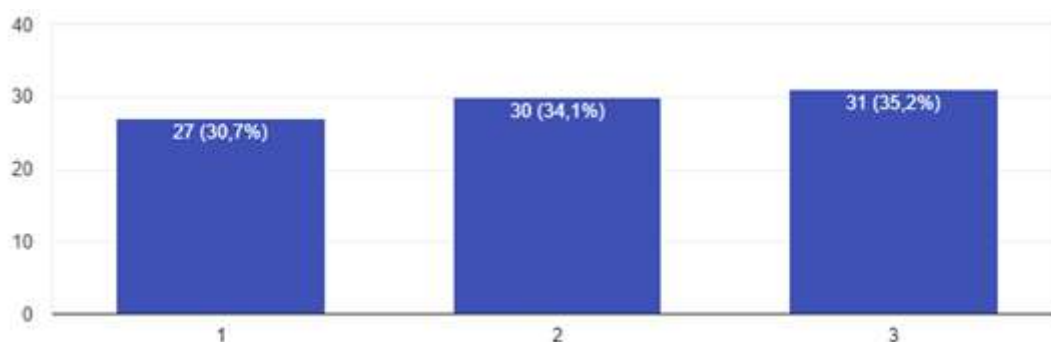
### 3.3 RESPOSTAS DO BLOCO 3

- (48) **SITUAÇÃO 1:** Amanda e Juliana estão sentadas em um restaurante da Universidade. Ao ver uma moça desconhecida passar perto delas com acessório extravagantes, Juliana lança uma pergunta com tom irônico a Amanda. Qual das perguntas a seguir melhor expressa o valor procurado por Juliana?

- Amanda quem é **essa**?





b. Amanda, quem é **isso**?c. Amanda, quem é **ela**?

Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à primeira pergunta do **Bloco 3**, sendo: 1- sentença RUIM; 2- sentença BOA; 3- sentença IDEAL.

“Amanda, quem é ESSA?” é considerada uma sentença IDEAL para expressar o valor irônico por 38,6% das pessoas que realizaram o teste, enquanto é considerada uma sentença RUIM para expressar o mesmo valor por 21,6% das pessoas que realizaram o teste. Além disso, a mesma sentença foi marcada mais vezes, 39,8%, entre RUIM e IDEAL, o que provavelmente quer dizer essa sentença é considerada BOA.

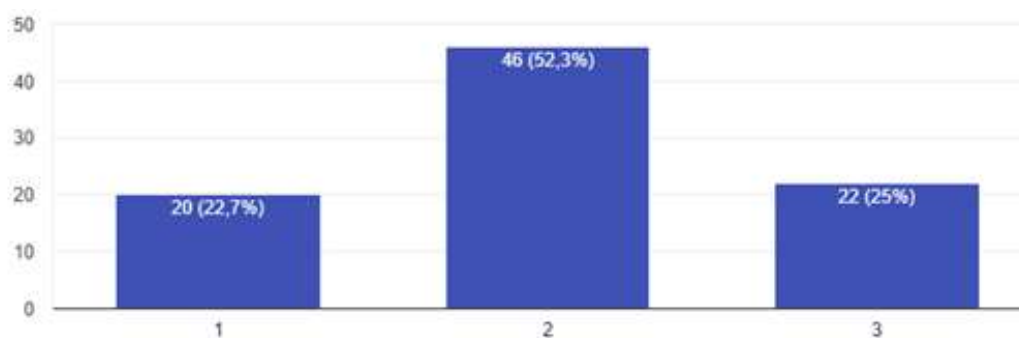
“Amanda, quem é ISSO?” é considerada uma sentença IDEAL para expressar o valor irônico por 35,2% das pessoas que realizaram o teste, enquanto é considerada uma sentença RUIM para expressar o mesmo valor por 55,7% das pessoas que realizaram o teste. 9,1% das pessoas que realizaram o teste marcaram que a sentença é BOA.

“Amanda, quem é ELA?” foi a sentença que melhor manteve uma média de resposta entre RUIM, ou seja, que não expressa melhor o que a sentença pedia e IDEAL, aquela que melhor expressa o que a sentença pede.

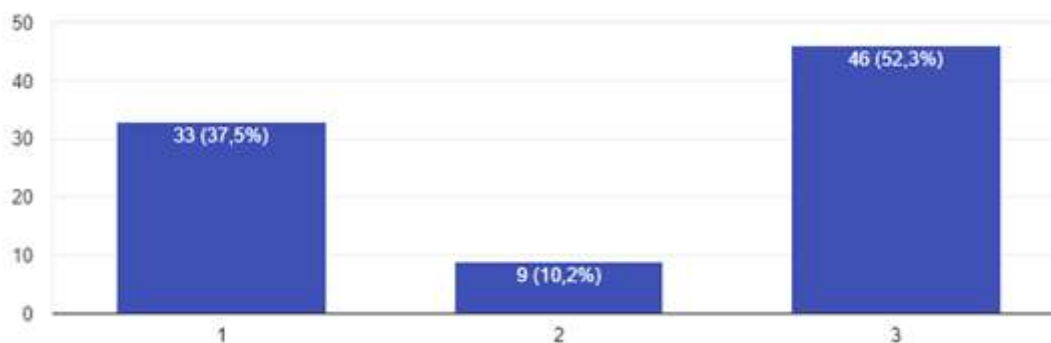
O pronome pessoal *e/la* parece ter uma leitura mais versátil do que os pronomes demonstrativos *essa* e *isso*. 30,7% das pessoas consideram essa sentença RUIM para expressar o valor procurado, enquanto 35,2% consideram IDEAL. 34,1% consideram a sentença BOA.

- (49) **SITUAÇÃO 2:** Alguns amigos maldosos do trabalho de Paulo resolveram fazer piada sobre ele em uma reunião após o expediente, em um bar. Um deles, na tentativa de irritar Paulo, resolveu salientar, com desprezo, que Paulo só tinha amigos estranhos. Para isso, o rapaz mostrava para os outros da mesa, e a Paulo, aquelas pessoas que ele considerava "estranhas". Qual das sentenças a seguir melhor expressa o valor procurado pelo amigo de Paulo?

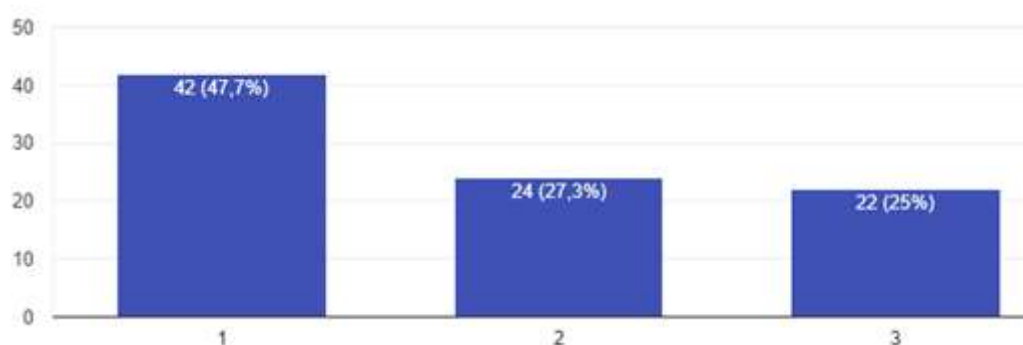
a. **Esse** é amigo de Paulo...



b. **Isso** é amigo de Paulo...



c. **Ele** é amigo de Paulo...



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à segunda pergunta do **Bloco 3**, sendo: 1- sentença RUIM; 2- sentença BOA; 3- sentença IDEAL.

“ESSE é amigo de Paulo” foi considerada, pela maioria das pessoas que realizaram o teste (52,3%) como uma sentença BOA. Entretanto, ela não foi a sentença mais escolhida para marcar o valor procurado pela situação.

ESSE é amigo de Paulo...” foi marcada também 25% das vezes como uma sentença IDEAL para expressar o valor pejorativo que a situação pedia, e 22,7% como uma sentença RUIM, que não expressa esse valor.

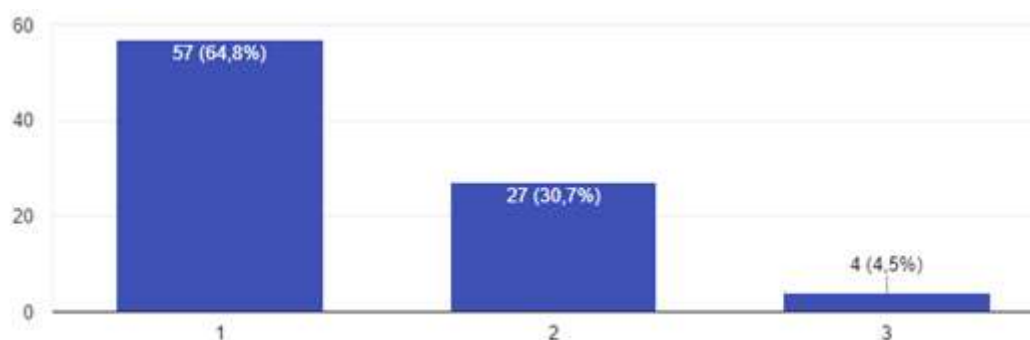
“ISSO é amigo de Paulo...”, no entanto, foi marcada 52,3% das vezes como a sentença IDEAL para expressar o valor pedido pela situação. Logo, o pronome demonstrativo *isso* é o pronome que mais demonstra o valor pejorativo pedido pela situação.

Ainda assim, 37,5% marcaram que essa é uma sentença RUIM e apenas 10,2% assinalaram que essa é uma sentença BOA, ou seja, a sentença “ISSO é amigo de Paulo...” parece ser usada em contextos específicos, pois não há uma média entre RUIM, BOA ou IDEAL na marcação dessa sentença.

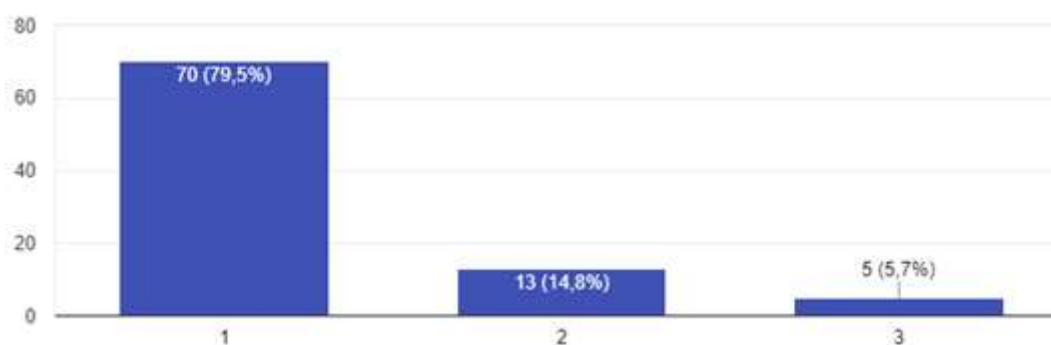
Já na sentença “ELE é amigo de Paulo...”, 47,7% das pessoas concordam que essa não é a sentença que melhor expressa o valor pejorativo pedido pela situação. 25%, no entanto, acreditam que ela melhor expresse o valor, seguido por 27,3% que registraram que essa sentença é apenas BOA.

(50) **SITUAÇÃO 3:** Diana convidou suas amigas Janaína e Maria Antônia para conhecer seu filho recém-nascido na maternidade. Ao olhar para o filho de sua amiga, Janaína, que adora crianças, resolve salientar o quanto o bebê de sua amiga é fofo. Qual das sentenças a seguir melhor expressa o valor procurado por Janaína?

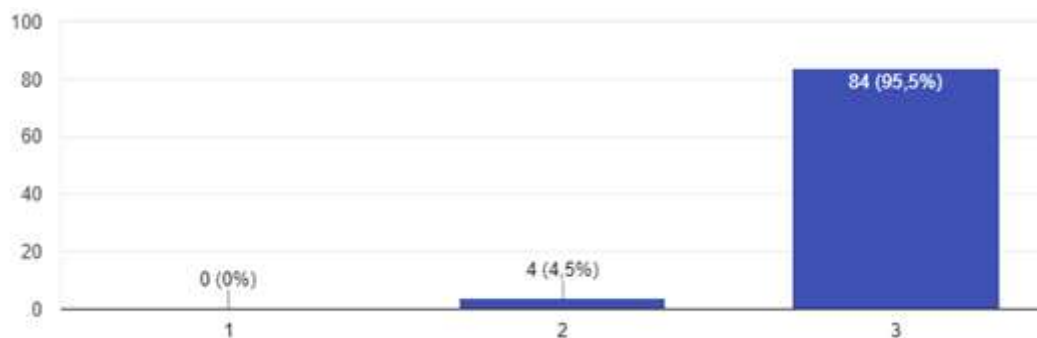
a. **Esse** é tão fofo!



b. **Isso** é tão fofo!



c. **Ele** é tão fofo!



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à terceira pergunta do **Bloco 3**, sendo: 1- sentença RUIM; 2- sentença BOA; 3- sentença IDEAL.

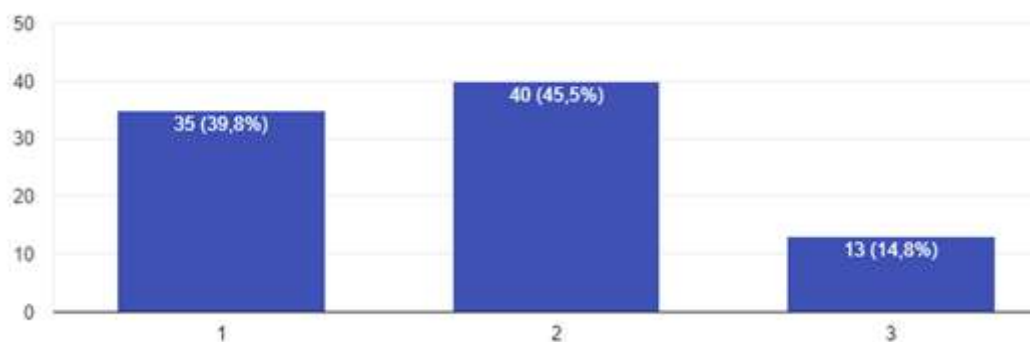
“ESSE é tão fofo!” é considerada uma sentença RUIM por 64,8% dos falantes que responderam a esse teste. 30,7% consideram essa uma sentença BOA e apenas 4,5% consideraram essa uma sentença IDEAL.

Já na sentença “ISSO é tão fofo!” o valor para aqueles que consideram essa uma sentença boa cai para 14,8% em relação à primeira sentença, e sobe muito mais em relação a primeira sentença para aqueles que consideraram essa uma sentença RUIM, 79,5%. Isso parece indicar que o demonstrativo *isso*, quando não usado com valor pejorativo, só pode ser usado com o valor neutro para inanimados, e não com valor positivo.

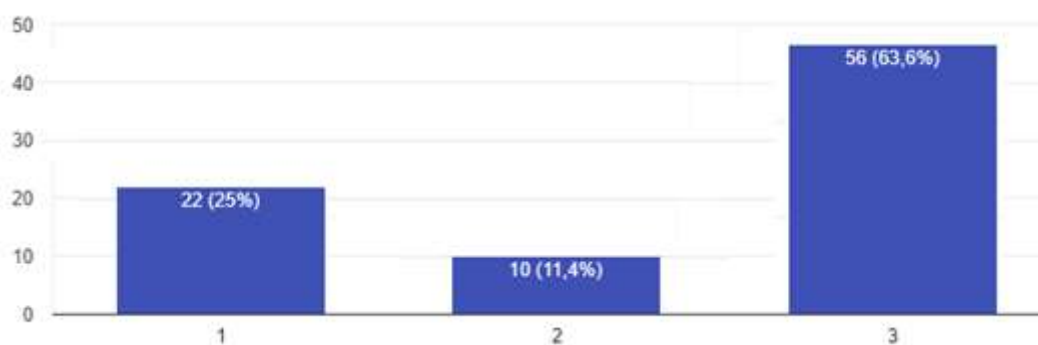
A sentença “ELE é tão fofo!” foi a que registrou a maior quantidade como sentença IDEAL, 95,5% e nenhum registro como sentença RUIM. Logo, o pronome pessoal *e/e* é, nesse caso, o mais indicado para expressar o valor da situação 3.

(51) **SITUAÇÃO 4:** Duas amigas estão em uma boate bem escura. Uma delas beija um rapaz. Quando as luzes da boate se acendem, as amigas observam que o rapaz que uma das meninas havia beijado não era muito simpático. A amiga que não havia beijado o rapaz, rindo, pergunta a outra amiga se ela realmente havia beijado aquele rapaz "não muito simpático", na tentativa de fazer piada com a situação da amiga. Qual das sentenças a seguir melhor expressa o valor procurado pela menina?

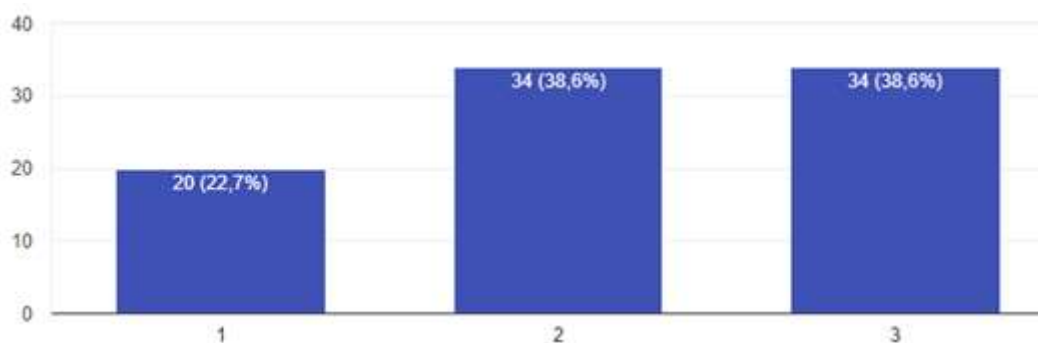
a. Você realmente já pegou **esse**?



b. Você realmente já pegou **isso**?



c. Você realmente já pegou **ele**?



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à quarta pergunta do **Bloco 3**, sendo: 1- sentença RUIIM; 2- sentença BOA; 3- sentença IDEAL.

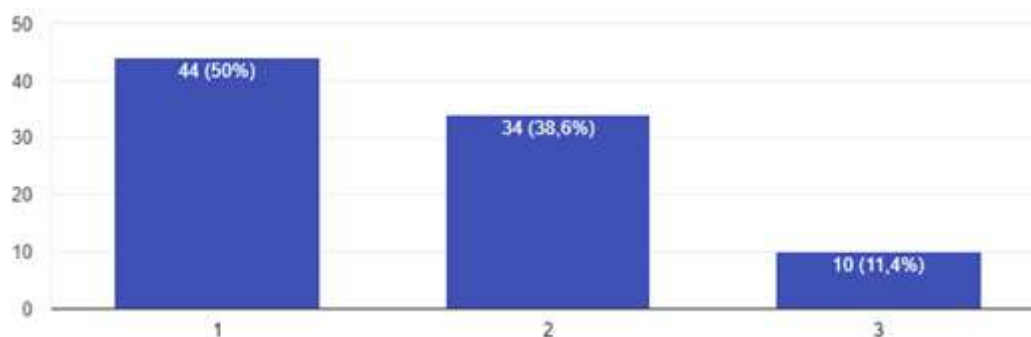
“Você realmente pegou ESSE?” foi considerada por 39,8% como uma sentença RUIIM, e foi considerada por 45,5% como uma sentença BOA. Entretanto, o uso do demonstrativo esse não foi considerado como IDEAL para expressar o valor procurado pela situação 4. Já o demonstrativo *isso* na sentença “Você realmente

pegou ISSO?” pareceu dar conta do valor buscado na situação 4, uma vez que ele foi registrado como sentença IDEAL por 63,6% das pessoas que realizaram o teste e 11,4% como uma sentença BOA.

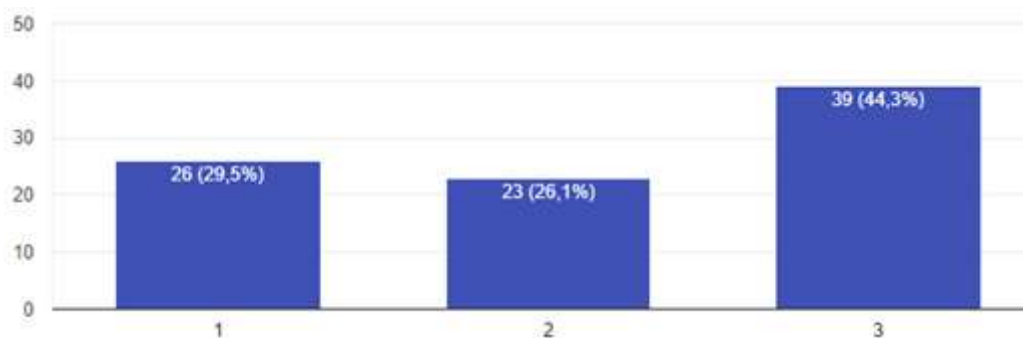
*Ele*, por sua vez, com a sentença “Você realmente pegou ELE?” foi a que manteve a melhor média. 38,6% marcaram como uma sentença BOA assim como 38,6% também marcaram como uma sentença IDEAL, seguido de 22,7% que marcaram como uma sentença RUIM.

(52) **SITUAÇÃO 5:** Após uma longa discussão sobre política, Jéssica percebeu que não adianta o que ela fale, Juca não irá mudar seu modo de pensar. Catharina, já de saco cheio da amiga perdendo tempo, diz que Juca não é digno do tempo perdido de Jéssica e que ele não é ninguém importante. Qual das sentenças a seguir melhor expressa o valor procurado pela menina?

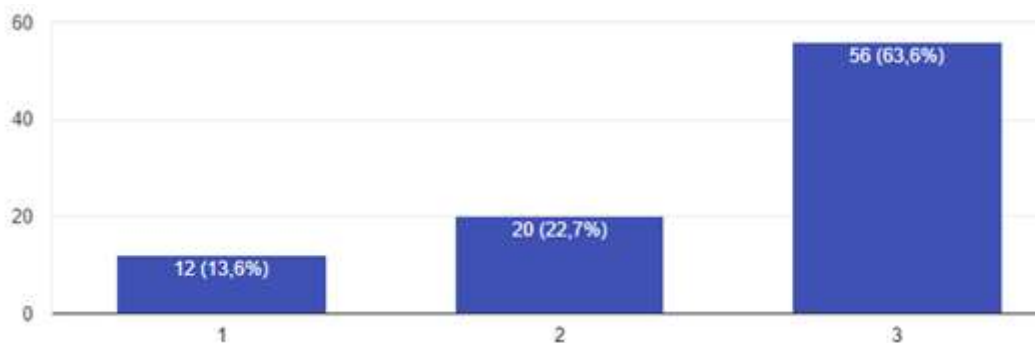
a. Você não deveria perder seu tempo discutindo com **esse**.



b. Você não deveria perder seu tempo discutindo com **isso**.



c. Você não deveria perder seu tempo discutindo com **ele**.



Das 88 (oitenta e oito) respostas referentes à quinta pergunta do **Bloco 3**, sendo: 1- sentença RUIM; 2- sentença BOA; 3- sentença IDEAL.

O esse da sentença “Você não deveria perder seu tempo discutindo com ESSE.”, assim como o esse da situação 3, foi considerado pela maioria como uma sentença RUIM, seguido, na situação 5, por 38,6% daqueles que consideram essa uma sentença BOA e 11,4% aqueles que consideram essa uma sentença ideal para expressar o valor pedido pela situação.

Já na sentença “Você não deveria perder seu tempo discutindo com ISSO.”, o demonstrativo *isso* parece expressar bem a ideia procurada pela situação, com 44,3% das marcações, seguido por 26,1% dos que consideram essa uma sentença BOA e 29,5% que considera essa uma sentença RUIM.

A sentença “Você não deveria perder seu tempo discutindo com ELE.”, consegue também dar conta do valor procurado pela situação, com 63,6% de marcações como IDEAL, 22,7% como BOA e 13,6% julgaram essa uma sentença RUIM.



#### 4 OS DEMONSTRATIVOS INVARIÁVEIS COM REFERÊNCIA PESSOAL EM PB: *N- EFFECT E LEITURAS APRECIATIVAS*

Ao tomar como modelo apenas as prescrições das gramáticas normativas para a distribuição dos demonstrativos invariáveis *isso*, *isto* e *aquilo*, sua leitura estaria restrita a retomadas de termos presentes ou não no texto como em (53), e referência a seres inanimados como em (54), uma vez que tais pronomes não poderiam referenciar seres animados que possuam algum gênero gramatical/biológico, já que, para exercer tal função, há as suas formas variáveis em gênero: *esse*, *este*, *aquele* e *essa*, *esta*, *aquela*, formas masculina e feminina como em (55), (56) e (57):

(53) Tudo o que precisamos é **isso**: amor!

(54) Não pegue **isso** sem o auxílio de uma luva, seringas usadas precisam de muito cuidado ao tocar.

(55) Amanda, quem é **essa**?

(56) **Esse** é o amigo de Paulo.

(57) **Aquela** com o boné na cabeça é a minha prima.

Entretanto, pode ocorrer de demonstrativos invariáveis referenciar seres animados, e apesar das sentenças manterem a sua gramaticalidade, o referente, e consequentemente a sentença, passam a ter um outro valor afetivo, como em (58), (59) e (60):

(58) Amanda, quem é **isso**?

(59) **Isso** é o amigo de Paulo.

(60) **Aquilo** com o boné na cabeça é a minha prima.

Em PB, há alguns contextos sentenciais que parecem propiciar leituras apreciativas observadas acima. Um desses contextos é o interrogativo, como em (61), (62) e (63):

- (61) Quem é **isso** que você está saindo?
- (62) Como você pode convidar **isso** para a festa da Carla?
- (63) Quem é **isso** com que você está saindo?

Outro contexto de grande ocorrência desse tipo de fenômeno é em sentenças copulares, com a seguinte estrutura *DP-cópula-DP*, como pode ser visto em (64), (65) e (66):

- (64) **Isso** é um **monstro**, **isso** nem é **gente**.
- (65) **Isso** é **amigo de Paulo**.
- (66) **Paulo** é **amigo disso**.

Também podemos observar esse tipo de leitura quando o demonstrativo invariável ocorre em sintagmas preposicionados, como no exemplo em (67):

- (67) Depois transformaram a senhora **nisso**, D. Adélia. Um trapo, uma velha sem-vergonha.

(CUNHA e CINTRA, 1986, p. 239)

Ao utilizar o *isso*, *isto* ou *aquilo* para referência pessoal, uma carga depreciativa, pejorativa ou irônica pode ser ativada. A alternância de gênero marcado para gênero não marcado parece trazer consigo outros significados, como pode ser observado no contraste dos pares (55)/(58) e (57)/(60), repetidos abaixo em (68-71):

- (68) Amanda, quem é **essa**?
- (69) Amanda, quem é **isso**?
- (70) **Aquela** com o boné na cabeça é a minha prima.
- (71) **Aquilo** com o boné na cabeça é a minha prima.

Tais contextos também podem ser observados em (72), (73) e (74) abaixo, em que a substituição de *aquela* por *aquilo* em (72), de *esse* por *isso* em (73) e de *ele* por *aquilo* em (74) demonstra uma progressão na leitura pejorativa da sentença:

- (72) José Maria suspirou fundo. **Aquela** mulher, flor de poesia, era agora **aquilo**. Fantasma da outra, ruína de Duília...  
(CUNHA e CINTRA, 1986, p. 239)
- (73) Quem é **esse** assassino? Ou melhor, o que é **isso**? Porque **isso** não é gente!<sup>9</sup>
- (74) Ninguém sabe onde **ele** anda, Seu Coronel! **Aquilo** é um desgraçado.  
(CUNHA e CINTRA, 1986, p. 239)

Pode-se observar que em (72) e (73) e (74) a alternância entre os pronomes foi feita de maneira intencional, afim de implicar em uma leitura pejorativa ao referente da sentença.

Esse tipo de estratégia busca evidenciar uma característica negativa acerca do referente. Nesses casos, a alternância do pronome variável e o pronome invariável, que ocasiona a omissão do nome, ou de um pronome pessoal para um pronome demonstrativo invariável, é feita de forma intencional e acontece em contextos bem especificados, isto é, em algumas situações bem específicas em que esse tipo de

---

<sup>9</sup> Fonte do dado: Disponível em: [http://<http://www.purepeople.com.br/noticia/sandra-annenberg-se-revolta-com-assassinos-de-morador-de-rua-isso-nao-e-gente\\_a88820/1>](http://<http://www.purepeople.com.br/noticia/sandra-annenberg-se-revolta-com-assassinos-de-morador-de-rua-isso-nao-e-gente_a88820/1>). Acesso em: 14/04/2016.

produção busca referenciar seres que estão fora do contexto discursivo, como nos exemplos em (75), (76) e (77) abaixo:

- (75) a. Maria disse que **aquilo** queria meu número, mandei ela dizer que não.  
 b. Maria disse que **aquele rapaz** queria meu número, mandei ela dizer que não.  
 c. Maria disse que **ele** queria meu número, mandei ela dizer que não.
- (76) a. Você precisava ver **isso** aí dançando, todo desengonçado.  
 b. Você precisava ver **esse homem** dançando, todo desengonçado.  
 c. Você precisava ver **ele** dançando, todo desengonçado.
- (77) a. Se eu soubesse que seria assim, nunca teria me casado com **aquilo**.  
 b. Se eu soubesse que seria assim, nunca teria me casado com **aquele homem**.  
 c. Se eu soubesse que seria assim, nunca teria me casado com **ele**.

Nos exemplos em (75-77), os contextos discursivos dizem respeito a situações vividas, presenciadas ou marcantes para os falantes, e o referente humano é de fácil identificação em todas as sentenças. Tais contextos precisam ser muito marcados e o referente precisa obedecer a algumas regras para que se licencie o uso do demonstrativo nesses contextos. Essas regras parecem atuar tanto sintaticamente, uma vez que tais pronomes concorrem com pronomes pessoais e demonstrativos variáveis, quanto pragmaticamente, no contexto da produção do enunciado.

Uma dessas regras diz respeito à animacidade do referente. Mais do que isso, à característica de *humanidade* do referente, isto é, esse tipo de fenômeno só ocorre com referentes humanos e esse fenômeno não possui uma *oposição de afetividade*, o que quer dizer que não irá atribuir avaliação positiva a nenhum referente humano, sendo sempre uma apreciação negativa.

Uma característica do uso dos demonstrativos invariáveis para referentes inanimados é não, necessariamente, atribuir caráter avaliativo, positivo ou negativo, em seu emprego, como em (78):

(78) Eu queria muito conquistar **isso**. → Referência: o poder de uma espada em um jogo on-line.

(79) **Isso** é tão bonitinho! → Referência: um berço.

(80) ?**Isso** é tão bonitinho! → Referência: um bebê.

No exemplo em (79), em que o *isso* faz referência a um ser inanimado, a sentença não se torna agramatical e recebe valor positivo por conta do adjetivo *bonitinho*, e não por conta do demonstrativo, uma vez que esse não é o seu papel na sentença. Dessa forma, o demonstrativo invariável não atribui valor afetivo em seu uso canônico, nem positivo e nem negativo. Caso a sentença possua algum valor apreciativo, isso se dá por outros fatores.

Entretanto, em (80), a mesma sentença causa estranhamento se a referência for a um ser humano acompanhado de algum adjetivo de valor positivo. Isso ocorre pois não há uma alternância binária bom/ruim possível para este tipo de evento, e uma possível leitura irônica se deve a fatores pragmáticos, isto é, de uso.

No entanto, é possível que haja sentenças do tipo (81), entretanto, os contextos em que se pode produzir sentenças como em (81), a referência não é ao indivíduo em si.

(81) **Isso** que é mulher.

Em (81), a sentença é avaliativa e restritiva, isto é, comparativa entre o indivíduo e a espécie, significando “essa mulher é o melhor exemplo da espécie das mulheres”. *Mulher*, neste contexto em (81), diz respeito a um **conjunto de características** que tornam aquela *mulher* alguém a servir de inspiração, ou que esteja dentro de um padrão do que é considerado *mulher ideal*, podendo ser reescrito como “isso é que é (ser) mulher” e não a *mulher* em si.

Logo, *isso* tem como referente coisas inanimadas, como características físicas ou intelectuais, por exemplo. Em (82), *isso* possui caráter irônico e sarcástico, bem como (83), em que *isso* possui sentido pejorativo.

(82) **Isso** é uma mulher.

(83) **Isso** é mulher.

As sentenças em (81-83) evidenciam mais uma característica desse fenômeno, a produção dos demonstrativos invariáveis com avaliação negativa a referentes humanos em PB requer indivíduos que tenham sempre leituras *específicas* e *definidas*, isto é, no contexto de seu licenciamento, os demonstrativos invariáveis são sempre determinados, não podendo nunca ser arbitrário, os demonstrativos são sempre pronomes com algum tipo de leitura dêitica e algum tipo de marcação de distância, portanto, nunca engatilham leitura genérica. (CERQUEIRA e CARVALHO, 2018), como pode ser observado em (84):

- (84) a. Homem tem comportamento machista por conta da sociedade patriarcal.  
 b. \*Isso tem comportamento machista por conta da sociedade patriarcal.  
 c. \*Aquilo tem comportamento machista por conta da sociedade patriarcal.

Em (84a), sendo o referente genérico *homem*, que não se trata de um *homem* específico, mas sim um grupo ou uma classe de homens, as mesmas sentenças em (84b) e (84c), com os demonstrativos invariáveis referenciando o nome, não podem retomar esse referente. Isso se dá pela natureza dos demonstrativos, sua função de demonstrar que está diretamente ligada à noção de determinação.

Esse tipo de fenômeno evidencia a natureza avaliativa e afetiva dos demonstrativos. Objetos avaliados afetivamente são sempre específicos, conhecidos no contexto discursivo. Tal característica parece acontecer em outras línguas, como será possível observar mais adiante. Entretanto, o valor atribuído pelos demonstrativos pode mudar conforme a língua.

Para marcar afetividade na língua, no inglês, caso semelhante acontece na passagem do gênero neutro de primeira pessoa (*it*) para o gênero masculino ou feminino em que há um pronome pessoal responsável pelos humanos do sexo masculino (*he*), um pronome pessoal responsável pelos humanos do sexo feminino

(*she*) e para todas as outras coisas o (*it*). Animais domésticos, ou mesmo animais de estórias infantis, tendem a ser chamados pelos falantes do inglês sob as formas de gênero marcado, uma vez que há fatores afetivos atribuídos pelo falante (cf. COBERTT, 1991, p.12).

Esse tipo de fenômeno não estaria restrito apenas a seres humanos e animados, mas também a seres não humanos e inanimados, como no exemplo em (85), em que há uma situação de um adolescente que está dando um alerta a um surfista se referindo a uma onda:

- (85) Catch **her** at **her** height!  
 Pegue **ela** em **ela** altura  
*Pegue-a na sua crista!*

(COBERTT, 1991, p. 12)

Entretanto, esse tipo de sentença só ocorre se o pronome pessoal for feminino, como nos exemplos (86) e (87), em que o pronome destacado em (86) se refere a um *carro*, e o pronome destacado em (87) se refere a um *barco*.

- (86) Look at his **BMW**. **She** is a beauty.  
 Olha para a dele **BMW**. **Ela** é uma beleza.  
*Olha a BMW dele. Ela é uma beleza.*

- (87) **She's** mine, I bought her in Europe.  
**Ela** é minha, eu comprei ela na Europa.

Em inglês, o pronome neutro cede lugar ao pronome pessoal feminino, o qual pode ser utilizado em alguns contextos específicos, de apreço, para se referir a objetos de grande desejo popular, ou pelos quais as pessoas possuem muita afeição. Entretanto, se os mesmos exemplos forem aplicados, no mesmo contexto que (86) e (87), tendo os mesmos referentes, mas for utilizado o pronome pessoal masculino, a sentença não é boa, como em (88) e (89):

- (88) \*Look at his BMW. **He** is a beauty.  
 Olha para a dele BMW. **Ele** é uma beleza.  
*Olha a BMW dele. Ele é uma beleza.*
- (89) \***He's** mine, I bought him in Europe.  
**Ele** é meu, eu comprei ele na Europa.

Além disso, em inglês, sentenças com *this*, *that*, *these* e *those* podem ser utilizados para atribuir afetividade em uma sentença, chamados de *afetivos* por Potts e Schwarz (2010), em que os demonstrativos acompanham o referente de modo a destacar o referente e envolver o ouvinte, permanecendo os dois na mesma sentença, como em (90):

- (90) **This** Henry Kissinger is really something!  
**Este** Henry Kissinger é realmente algo!"

(POTTS e SCHWARZ; 2010, p. 2)

No entanto, em inglês, nos contextos em que os demonstrativos disputam o lugar com os pronomes pessoais, pode haver o que Sichel e Wiltschko (2018b) chamam de *N-effect*, que é o efeito da avaliação negativa engatilhado pelo uso de pronomes demonstrativos e, desta forma, evidenciar uma leitura negativa contrária ao envolvimento proposto por Potts e Schwarz (2010), uma vez que, enquanto um aproxima o referente para o contexto discursivo, o outro evidencia a não participação daquele referente no momento do discurso, como em (91):

- (91) [This one]<sub>i</sub> thinks that [she]<sub>j</sub>'s tall  
 d-sg acha.3.sg que ela é.3sg alta  
 "[Essa]<sub>i</sub> acha que [ela]<sub>j</sub> é alta."



(SICHEL e WILTSCSKO, 2018b, p. 366)

Em PB, fenômeno similar ao efeito *afetivo* dos demonstrativos proposto por Potts e Schwarz (2010), como visto em (90), pode ocorrer se pensarmos nesse fenômeno através dos demonstrativos variáveis, como em (92). Entretanto, podemos pensar na mesma ocorrência com o sentido de ironia, como em (93).

(92) *Essa Luana*, que menina doce!

(93) Pago uma nota de plano de saúde, para *aquela beleza* só me passar dipirona.

Em PB, esse tipo de sentença só pode ocorrer com os pronomes demonstrativos adjetivos, uma vez que apenas eles são capazes de modificar o nome, enquanto sua forma invariável substituiria o nome. Em inglês, os pronomes demonstrativos não variam em gênero, e todos os pronomes podem assumir essa posição de modificar o nome.

Por outro lado, quando há a substituição do nome por um pronome invariável, em PB, aí o sentido fica muito mais próximo da avaliação negativa do *N-effect*. Neste caso, no que tange a alternância de um pronome pessoal por um demonstrativo invariável em PB, não só a ideia de distanciar o referente do discurso está envolvida, mas também a intenção em desclassificar o indivíduo como *alguém* a quem não valha a pena atribuir as marcas de gênero e animacidade.

A ausência das marcas de gênero e animacidade evidenciam a vontade do falante em anular tais condições que são características humanas, no entanto, esses traços não são completamente apagados, sendo possível retoma-los através do nome. Desta forma, o que parece evidenciar esse tipo de fenômeno é o contraste entre o pronome demonstrativo e o referente, como pode-se observar em (94).

(94) Eu já falei: não vou sair com *isso*, não adianta insistir, eu sei que é *seu irmão*, mas *ele* não me atrai.

Se essa mesma sentença em (94) fosse reescrita com um pronome pessoal no lugar do demonstrativo invariável, a sentença teria um tom menos pejorativo do que o observado, como em (95):

(95) Eu já falei: não vou sair com *e/le*, não adianta insistir, eu sei que é seu irmão, mas ele não me atrai.

O que aparenta quando se compara (94) com (95) é que a sentença em (94) procura evidenciar ainda mais o tom pejorativo do que em (95), que, nesse caso, tem avaliação negativa por outras razões, vistas em (95) pelo contexto discursivo em que a sentença está inserida, mas não pela produção dos pronomes envolvidos nessa sentença.

Já em (94), o pronome demonstrativo invariável busca salientar esse valor apreciativo negativo da sentença, por isso o uso desses pronomes invariáveis em contexto de referência pessoal, tem caráter intencional.

#### 4.1 “THIS” AFETIVO

Potts e Schwarz (2010) propõem um estudo acerca da natureza afetiva dos demonstrativos com função dêitica em inglês. Tais demonstrativos podem evidenciar características emotivas que podem ser atribuídas através de demonstrativos. Essa afetividade, segundo os autores:

- i) Surge da proximidade espaço-temporal, sendo essa proximidade espacial, temporal ou mesmo emocional do falante com o referente. Esse tipo de proximidade busca atrair o ouvinte a compartilhar com o falante a mesma experiência sentimental;
- ii) Pode ocorrer em diferentes contextos: linguísticos (morfo sintáticos, através dos nomes próprios e genéricos, por exemplo) ou discursivos.

(POTTS e SCHWARZ, 2010)

Os autores afirmam que a proximidade entre falante-referente e do ouvinte-referente é de extrema importância, o que pode ser claramente perceptível ao evidenciarmos que só podemos atribuir características avaliativas àquilo sobre o qual sabemos do que se trata. Segundo Potts e Schwarz (2010), a afetividade que esses pronomes demonstrativos podem atribuir, aparece na sentença de forma muito mais sutil do que o uso de um xingamento ou um exclamativo, por exemplo.

Mas, apesar do valor afetivo atribuído por esses demonstrativos não estarem tão visivelmente presentes, é possível acarretar uma avaliação. Esse tipo de pronome demonstrativo é chamado pelos autores de *afetivos*, sendo os proximais *this* (singular) e *these* (plural) e os distais *that* (singular) e *those* (plural). O estudo de Potts e Schwarz, entretanto, analisa apenas os contextos de produção do *this*.

Potts e Schwarz (2010) tem como proposta a realização de demonstrativos distais e proximais do inglês com nomes próprios ou genéricos. Segundo os autores, com base em Lakoff (1974), isso funciona, pois, o ouvinte já está familiarizado com aquele nome, como em (96) e (97):

(96) *This* Henry Kissinger is really something!  
 “Este Henry Kissinger é realmente algo!”

(97) There was *this* traveling salesman, and he...  
 “Tinha esse vendedor ambulante e ele...”

(POTTS e SCHWARZ; 2010, p. 2)

Esse tipo de evento procura envolver, através da relação espaço-temporal, um sentimento do falante para o ouvinte. Em (96) há uma busca em tentar evidenciar um certo tipo de entusiasmo com relação a *Henry Kissinger* aos participantes discursivos, enquanto em (97), a produção de *this* parece envolver mais *traveling salesman* no contexto discursivo, pois, segundo os autores, esta é uma forma *quase indefinida*, e a escolha pelo demonstrativo busca deixar o referente mais definido.

Esse tipo de uso, também, busca evidenciar referentes que ainda não foram mencionados anteriormente no contexto discursivo. Caso esse nome já tenha sido mencionado anteriormente, a sentença se torna agramatical. Entretanto, os autores salientam que podem haver exceções, como visto em (98):

- (98) ?[The Secretary of State] has made peace in the mideast.  
 [O secretário de estado] fez a paz no Oriente Médio.  
 [This Henry Kissinger] is really something!  
 [Este Henry Kissinger] é realmente algo!”

(POTTS e SCHWARZ; 2010, p. 2)

Em (98), a sentença pode não ser tão boa pois não fica claro, segundo os autores, porque o falante escolheu essa sentença para fazer esse tipo de referência.

Entretanto, os autores salientam que um dos pressupostos necessários para que esse fenômeno ocorra, é que o referente precisa ser identificável pelo ouvinte, isto é, se o referente com nome próprio não for conhecido tanto pelo falante quanto pelo ouvinte, não é possível inferir tal valor de *this*, como pode-se observar em (99).

- (99) a. Who is John Smith (and what is he like)?  
 Quem é John Smith (e como ele é)?  
 b. (\*This) John Smith is a really great guy who builds birdhouses!  
 (\*Esse) John Smith é um cara muito legal que constrói casas de pássaros!

(POTTS e SCHWARZ; 2010, p. 2)

Potts e Schwarz (2010) também chamam a atenção para o fato de que a primeira propriedade, a qual diz respeito ao conhecimento do referente por parte de ambos falantes, é problemática quando se trata de um referente indefinido e específico, isso ocorre pois, nomes próprios sempre exigem familiaridade com o

ouvinte, enquanto os indefinidos e específicos possuem uma resistência a essa familiaridade.

Essa relação em (99) diz respeito à noção de *familiaridade*. Segundo Lyons (1999), a noção de *familiaridade* é, grosso modo, algo que é familiar ao ouvinte. Além de *familiaridade*, Lyons (1999) trata também dos termos *identificabilidade* e *inclusividade*, em que o primeiro se refere a algo identificável e familiar, o que agregar *familiaridade*; e *inclusividade*, que diz respeito à particularidade deste referente. Essas informações de *familiaridade*, *identificabilidade* e *inclusividade* estão relacionadas àquilo que o ouvinte sabe sobre o que o falante quer dizer.

Partee (2005) propõem uma discussão acerca desses termos de *identificabilidade* e *inclusividade*, em que *inclusividade* é uma relação de *particularidade*, isto é, há uma relação particular em relação aos demais referentes dentro de um conjunto. Ou seja, esse referente é, necessariamente, específico, pois pode-se fazer dele uma restrição/particularização.

Levando em consideração *identificabilidade* e *inclusividade*, pode-se chegar ao conceito do que é um DP definido para Lyons (1999). Segundo o autor, DPs definidos precisam ser identificados, inclusos ou ambos.

Segundo Cerqueira e Carvalho (2018), o que Lyons (1999) considera *definitude* é, na realidade, *determinação*. Isso implica, portanto, que existe uma propriedade nominal que está relacionada exatamente com o que Lyons (1999) propõe; que são sistemas de determinação.

Lyons (1999) propõem que *demonstrativos*, *artigos*, *pronomes pessoais* etc., são *evidências morfossintáticas* para *definitude*. Segundo Cerqueira e Carvalho (2018), esses elementos servem, em realidade, para determinação nominal, que nada mais é do que a propriedade de determinar algo no universo.

Em Affective “This”, Potts e Schwarz (2010, p. 6) relatam que há alguns casos do fenômeno se referindo a sintagmas nominais específicos e indefinidos, como exemplificado em (97), esse tipo de evento procura “isolar” a leitura de *traveling salesman*, considerado, pelos autores, um “quase indefinido”, buscando fornecer, desta forma, leitura definida através *this*.

No caso da produção dos demonstrativos invariáveis com referência pessoal em PB, não há como isso acontecer pois os demonstrativos invariáveis, com leitura

afetiva, sempre serão: a) específicos e definidos; e b) demonstrativos substantivos, que por sua vez, retoma todo o referente.

Entretanto, assim como o fenômeno analisado por Potts e Schwarz (2010), o referente precisa ser de conhecimento tanto para falante, quanto para o ouvinte, o que significa também dizer que esses referentes sempre serão salientes no contexto discurso, isto é, de fácil identificação entre falante e ouvinte.

## 4.2 O N-EFFECT

Sichel e Wiltschko (2018b) propõem um estudo dos pronomes demonstrativos – d-pronomes<sup>10</sup> – que engatilham efeito negativo quando submetidos a algumas situações específicas.

A análise das autoras perpassa por um estudo acerca dos atos de fala para explicar a motivação sintática de tal efeito em que, mesmo com a preferência do pronome pessoal, a escolha se faz por um demonstrativo. Tal efeito é conhecido como *N-effect*<sup>11</sup> e possui processo de licenciamento similar ao efeito negativo causado pelos demonstrativos invariáveis com referência pessoal em PB.

*N-effect* requer situações de ocorrências específicas que não podem ser explicadas apenas pelo conteúdo intrínseco aos pronomes, mas também através do contexto pragmático, ou seja, este tipo de fenômeno se dá em parte pela sintaxe, mas ele ultrapassa as barreiras sintáticas.

Em línguas em que os d-pronomes podem referir-se a humanos, há a possibilidade de que esse tipo de fenômeno engatilhe avaliação negativa, ou seja, uma leitura mais pejorativa ou irônica.

Esse tipo de fenômeno pode ocorrer, por exemplo, no alemão, no hebraico e no inglês (SICHEL e WILTSCHKO, 2018b).

---

<sup>10</sup> O que Sichel e Wiltschko (2018b) tratam como d-pronome, nada mais é do que um pronome demonstrativo que pode substituir um DP inteiro, contendo como subconstituintes  $\phi$ P e NP, ou seja, um *pro-DP*. Em algumas línguas, esse tipo de pronome pode engatilhar um efeito negativo, no entanto, eles nem sempre são acompanhados do *N-effect*, é preciso contextos específicos que licenciem esse tipo de fenômeno.

<sup>11</sup> Levando em consideração a universalidade de *N-effect*, manteremos o termo original, em inglês.

- (100) Hebraico  
 [zot]<sub>i</sub> xoSevet Se-[hi]<sub>i</sub> gvoha  
 d-f.sg<sub>i</sub> pensa.3.f.sg que-ela<sub>i</sub> alta  
 “[Essa]<sub>i</sub> acha que [ela]<sub>i</sub> é alta.”
- (101) Alemão  
 [Die]<sub>i</sub> glaubt [die]<sub>i</sub> ist gross  
 d-f.sg<sub>i</sub> pensa.3.sg d-f.sg<sub>i</sub> é.3.sg alta  
 “Essa acha que ela é alta.”
- (102) Inglês  
 [This one]<sub>i</sub> thinks that [she]’s tall  
 d-sg<sub>i</sub> acha.3.sg<sub>i</sub> que ela é.3sg alta  
 “[Essa]<sub>i</sub> acha que [ela]<sub>i</sub> é alta.”
- (103) Inglês  
 [That one]<sub>i</sub> thinks that [she]’s tall  
 d-sg<sub>i</sub> acha.3.sg<sub>i</sub> que ela é.3.sg alta  
 “[Aquele]<sub>i</sub> acha que [ela]<sub>i</sub> é alta.”

(SICHEL e WILTCHKO, 2018a, p.1)

Nos exemplos (100), (101), (102), (103), referentes ao hebraico, alemão e inglês, respectivamente, o uso dos d-pronomes, *zot*, *die* e *this one/that one* engatilham avaliação negativa, enquanto a escolha de um pronome pessoal se manteria neutro.

Entretanto, não significa que o *N-effect* sempre irá ocorrer, logo, esse tipo de efeito não é uma característica intrínseca aos pronomes demonstrativos e requer condições específicas de licenciamento. Os dados abaixo em (104-107) apresentam as mesmas sentenças em (100-103), entretanto, não há o engatilhamento de *N-effect*.

- (104) Hebraico  
 [hi]<sub>i</sub> xoSevet Se-[hi]<sub>i</sub> gvoha  
 3P.f.sg<sub>i</sub> acha.3f.sg<sub>i</sub> que-3P.f.sg<sub>i</sub> alta  
 “Ela acha que ela é alta.”
- (105) Alemão  
 [Sie]<sub>i</sub> glaubt [sie]<sub>i</sub> ist gross  
 3P.f.sg<sub>i</sub> acha d-f.sg<sub>i</sub> é alta  
 “Ela acha que ela é alta.”
- (106) Inglês  
 [She]<sub>i</sub> thinks that [she]’s tall  
 3P.f.sg<sub>i</sub> acha que 3P.f.sg<sub>i</sub> é alta  
 “Ela acha que ela é alta.”

(107) Inglês

[The one]<sub>i</sub> thinks that [she]<sub>j</sub>'s tall  
 3P.sg acha que 3P.f.sg é alta  
 "Alguém acha que ela é alta."

(SICHEL e WILTSCHKO, 2018a, p. 1)

Nos exemplos (104-107) pode-se observar que nenhum efeito negativo foi engatilhado, uma vez que pronomes pessoais estão fazendo a referência. A avaliação negativa engatilhada pelos d-pronomes só ocorre a partir de três condições, isto é, de forma bastante específica, sendo necessário:

- i) situação de competição com um pronome pessoal;
- ii) referente humano;
- iii) indivíduos únicos contextualmente salientes, em que o uso do pronome demonstrativo não ocorra de forma discriminatória.

O *N-effect*, dentro dos contextos descritos acima, de acordo com Sichel e Wiltschko (2018b), força o referente que, no caso, é um pronome demonstrativo a ser interpretado como um não-participante no momento discursivo, acarretando, conseqüentemente, uma avaliação negativa.

#### 4.3 A NECESSIDADE DE COMPETIÇÃO COM UM PRONOME PESSOAL

Segundo Sichel e Wiltschko (2018b), o d-pronome precisa competir com um pronome pessoal. Essa é a primeira regra de licenciamento para que ocorra o *N-effect*. Isso quer dizer que o contexto de produção do fenômeno deve permitir a alternância de um demonstrativo por um pronome pessoal. Essa competição pode ocorrer de forma satisfatória em línguas como o hebraico, o alemão e o inglês, como ilustrado abaixo.



## (108) Hebraico

a. **zot** gvoha.

d-f.sg alta

“**Essa** é alta.”b. **hi** gvoha

3.f.sg alta

“**Ela** é alta.”

## (109) Alemão

a. **Die** ist gross.

d-f.sg é alta

“**Essa** é alta.”b. **Sie** ist gross

3.f.sg é alta

“**Ela** é alta.”

## (110) Inglês

a. **This one** is tall

d-sg é alta

“**Essa** é alta.”b. **She** is tall

3.f.sg é alta

“**Ela** é alta.”

(SICHEL e WILTSCHEK, 2018b, p. 366)

Nos exemplos (108), (109) e (110) é possível a alternância entre os demonstrativos e os pronomes pessoais. Desta forma, havendo o contexto de competição, e o mesmo sendo satisfatório, o *N-effect* é engatilhado nos exemplos (108.a), (109.a) e (110.a).

Logo, esse tipo de efeito é parcialmente condicionado pela sintaxe, uma vez que a necessidade de competição com um pronome pessoal é obrigatória. Entretanto, apenas a sintaxe não daria conta de explicar o *N-effect*, uma vez que há contextos em que o pronome pessoal e o d-pronome podem ser alternados entre si, mas mesmo com a produção do d-pronome, o efeito negativo não surge.

*N-effect* também não parece ser engatilhado com base na sua referência dêitica, uma vez que que o em alemão os pronomes, por si só, não expressam um traço de distância (DIESEL, 1999). Em vez disso, para expressar distância, em alemão, se combinam demonstrativos com advérbios, produzindo formas como *das hier* e *das da (drüben)*, *este aqui* e *aquele ali*, respectivamente.

Tendo isso em vista, esses demonstrativos também não fazem uma oposição binária entre efeito *positivo* e *negativo*, ou seja, o uso do d-pronome, em nenhum contexto discursivo ou sintático, já foi atestado atribuindo avaliação positiva para o referente (SICHEL e WILTSCHKO, 2018b). Quando ocorre a escolha de um d-pronome ao invés de um pronome pessoal, ou o efeito será negativo, ou a sentença não terá nenhuma motivação afetiva engatilhada por d-pronome.

Em PB, a competição entre pronome pessoal e demonstrativos também é uma condição importante para que ocorra a neutralização de gênero e, conseqüentemente, implique em *N-effect*, como em (111):

- (111) a. Você não deveria perder seu tempo discutindo com **ele**.  
 b. Você não deveria perder seu tempo discutindo com **isso**.

Além de pronome pessoal, em PB, por haver uma categoria de pronomes variáveis, os demonstrativos invariáveis também podem competir com suas contrapartes com morfologia de gênero, como nos exemplos em (112):

- (112) a. Quem é **esse** que você está saindo?  
 b. Quem é **isso** que você está saindo?

Inclusive, em alguns casos, os demonstrativos invariáveis podem competir, além dos pronomes pessoais e demonstrativos variáveis, com o pronome relativo *quem*, neutralizando a categoria *pessoa*, como no exemplo em (113c):

- (113) a. Olha, seu Heitor, **esse** é o rapaz que Bia está namorando.  
 b. Olha, seu Heitor, **ele** é o rapaz que Bia está namorando.  
 c. Olha, seu Heitor, **quem** é o rapaz que Bia está namorando.  
 d. Olha, seu Heitor, **isso** é o rapaz que Bia está namorando.

Nos exemplos em (113), apenas (113d) possui N-effect, mas pode-se observar que, para que haja efeito negativo, é necessário que, pelo menos um dos contextos observados em (113a,b,c), estejam disponíveis.

#### 4.4 NECESSIDADE DO TRAÇO [+HUMANO]

A segunda condição proposta por Sichel e Wiltschko (2018b) para o engatilhamento do Efeito-N é a condição de humanidade. Entretanto, a necessidade de humanidade para o efeito negativo engatilhado pelos d-pronomes proposto pelas autoras, não diz respeito a uma *desumanização* do referente, mas sim à sua condição de *participante discursivo*, pois, se tal referente não fosse humano, ele automaticamente não seria um participante discursivo, não sendo necessário, dessa forma, excluí-lo desse contexto.

- (114) Hebraico  
**zot** gvoha.  
 d-f.sg alta  
 “Essa é alta.”

- (115) Alemão  
**Die** ist gross.  
 d-f.sg é alta  
 “Essa é alta.”

- (116) Inglês  
 a. **This one** is tall

d-sg é alta  
 “Essa é alta.”

b. **That one** is tall  
 d-sg é alta  
 “Aquela é alta.”

(SICHEL e WILTCHKO, 2018b, p. 368)

Deste modo, podemos inferir que se pensarmos os exemplos (114), (115), (116a) e (116b) tendo como referentes humanos, o *N-effect* é engatilhado. Entretanto, ao pensarmos nos mesmos exemplos tendo como referentes uma *lâmpada*, por exemplo, o *N-effect* não é engatilhado, uma vez que não é necessário salientar que *lâmpada* está excluída do contexto discursivo entre falante-destinatário, sendo isso apenas um objeto.

Em PB, a mesma condição de humanidade está implicada. Entretanto, não diz respeito apenas a excluir esse referente do contexto discursivo, visto que esses referentes já estão excluídos desses contextos, mas trata-se de uma neutralização de *gênero*. Para que engatilhe apreciação negativa, os demonstrativos invariáveis precisam de referentes com traço [+humano], como no exemplo em (2), reescrito abaixo em (117):

(117) Contexto: em uma partida de jogo on-line, dois competidores conversam sobre um artefato que aumenta os poderes dos seus personagens e que surgiu momentaneamente na tela do computador, um dos jogadores diz que não precisa mais daquele artefato, o outro jogador então pergunta, se referindo ao tal artefato que apareceu brevemente na tela:

a) - Você realmente já pegou **aquilo**?

Contexto: dois amigos gays conversando em uma boate, um terceiro chega no mesmo ambiente e então um dos dois amigos indaga ao outro:

b)- Você realmente já pegou **aquilo**?

Em (117a) onde o referente é inanimado, não há implicação de *N-effect*, diferentemente de (117b), que possui caráter pejorativo bem evidente.

#### 4.5 A NECESSIDADE DE DISCRIMINAÇÃO

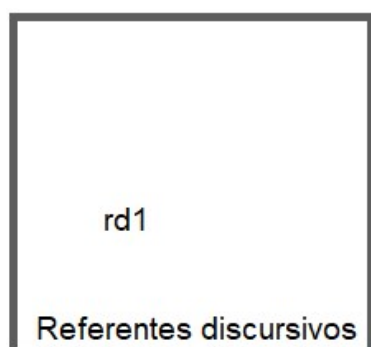
A última restrição proposta pelas autoras para o engatilhamento do efeito negativo através dos d-pronomes, é a discriminação referencial. Essa última restrição ressalta que o *N-effect* só será engatilhado em situações em que o indivíduo é o único no contexto discursivo, portanto, **não** necessita de discriminação entre os referentes, presumindo um único referente saliente no contexto discursivo.

Discriminação, aqui, está ligado ao sentido de que o referente não precisa sobressair no contexto discursivo, visto que esse referente, por si só, já é saliente e de fácil identificação no momento do discurso. Situações em que o referente precisa ser sobressaltado, ou seja, precisa ser discriminado, o falante usa de artifícios como ênfase ou leitura ostensiva e produz o d-pronome não necessariamente com a finalidade de excluí-lo do contexto discursivo, mas pode ser com a finalidade de delimita-lo diante de vários outros possíveis referentes.

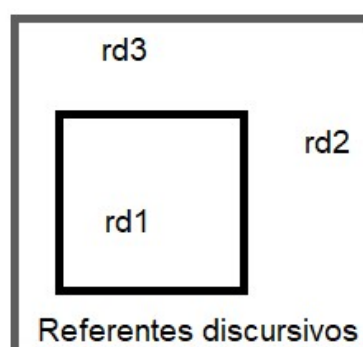
Esta situação fica mais fácil de ser observada a partir dos exemplos em (118) proposto por Sichel e Wiltschko (2018b).

(118)

a. engatilhamento de *N-effect*



b. sem engatilhamento de *N-effect*



(SICHEL e WILTSCHKO, 2018b, p. 369)

Nos contextos em que ocorre o *N-effect*, situações como a entonação da voz ou a referência ostensiva para dar ênfase no referente, é **dispensável**, isto é, não são pressupostos para que ocorra *N-effect*. Nesses contextos, em que o referente precisa de discriminação, o d-pronome é usado para marcar um indivíduo em particular, não para atribuir efeito negativo.

(119) Contexto: Um grupo e fãs estão assistindo Eurovision Song. A favorita de todos desse grupo de fãs (da cantora Conchita Wurst) aparece na tela.

- a. *Die* wird jetzt alle überraschen  
d-f.sg deve agora todos surpresa  
“Essa vai surpreender todo mundo.”
- b. *This one* will surprise everyone  
d-sg vai surpresa todo mundo  
“Essa vai surpreender todo mundo.”
- c. Dani thinks that *this one* will win  
Dani acha que d-sg vai ganhar  
“Dani acha que essa vai ganhar.”
- d. Da Dani glaubt dass *die* gewinner wird.  
d-m.sg Dani acha que d-f.sg. vencedor vai  
“Dani acha que essa será a vencedora.”

(120) Contexto: Um grupo e fãs estão assistindo Eurovision Song. Vários competidores aparecem na tela (incluindo Conchita Wurst). Um dos fãs aponta para Conchita e fala:

- a. Dani thinks that *THIS ONE* might win  
Dani acha que d-sg pode ganhar  
“Dani acha que ESSA pode ganhar.”
- b. Dani glaubt dass *DIE* gewinner wird  
Dani acha que d-f.sg vencedora vai  
“Dani acha que ESSA vai vencer.”

(SICHEL e WILTSCHKO, 2018, p. 367)

Em (119), em que não há a necessidade de ressaltar o referente através de leitura ostensiva ou entonação da voz, tanto nos contextos em que o d-pronome aparece em uma matriz quanto em uma embutida (Sichel e Wiltschko, 2018b), engatilha o *N-effect*. Nos exemplos em (120), o mesmo não ocorre. Por haver a necessidade de evidenciar um referente no meio de outros, o d-pronome não engatilha *N-effect*, uma vez que o d-pronome pode ter um efeito ambíguo, isto é, apenas sobressaltar o referente e não, necessariamente, excluí-lo do contexto discursivo.

Em PB, os demonstrativos invariáveis com referência pessoal também precisam estar discriminados no contexto discursivo. Em situações em que isso não ocorre, a sentença pode ser ambígua, podendo ter leitura com *N-effect* ou com uso canônico dos pronomes demonstrativos, como em (43) e (49), reescritas abaixo em (121) e (122):

(121) Depois que cresceu, **isso** está me dando uma dor de cabeça...

(122) Você realmente se apaixonou por **isso**?

As sentenças em (43) e (49), reescritas em (121) e (122), obtiveram resultados de referenciação no teste de aceitabilidade bem equilibrados. Em (121) 53% das pessoas atribuíram que *isso* tinha como referente [+humano], já em (122), 47,7% das pessoas que responderam ao teste atribuíram que *isso* tinha como referente [+humano]. Esses resultados ocorreram porque o referente não está discriminado nessas sentenças, ou seja, ele não é um indivíduo único e contextualmente saliente no contexto discursivo, dessa forma, não há um contraste entre demonstrativo invariável e referente [+humano] no escopo da sentença.

Outra questão, é que esses indivíduos em PB sempre serão únicos, uma vez que os demonstrativos invariáveis não variam em número, são sempre singular, diferente dos demonstrativos em inglês, que apesar de neutro, variam em gênero e também em número.

#### 4.6 N-EFFECT NOS DEMONSTRATIVOS DO PB

A exclusão do participante no contexto discursivo-pragmático é o ponto principal em que se baseia o *N-effect* proposto por Sichel e Wiltschko (2018b). Isso porque esse efeito negativo não diz respeito a uma supressão do traço de animacidade do referente, mesmo que ele precise necessariamente do traço de animacidade, uma vez que seres inanimados, de qualquer forma, não são nunca participantes no ato de fala. *N-effect* implica que o referente não é um participante discursivo em potencial e sua avaliação negativa diz respeito ao indivíduo dentro do contexto discursivo e não ao indivíduo propriamente dito.

Em PB, os mesmos contextos de licenciamento para os demonstrativos variáveis podem ser aplicados, uma vez que os pronomes pessoais podem ter contextos de competição com pronomes demonstrativos, em situações sem discriminação e com indivíduos humanos unicamente salientes no contexto discursivo. Em PB os demonstrativos se diferenciam do inglês pois, além de marcar a relação espacial, eles também marcam gênero.

(123) a. *This* bag is mine.

b. *That* car is mine.

(124) a. *Esta* bolsa é minha.

b. *Esse/aquele* carro é meu.

Percebe-se nos exemplos (123) e (124) que as diferenças no que tange a categoria dos demonstrativos em inglês e em PB diz respeito a duas características:

- i) Nos exemplos (123a) e (123b) há a marcação de espaço através dos demonstrativos *this* e *that*, entretanto, não há marcação de gênero, uma vez que os demonstrativos não são responsáveis por isso em inglês.
- ii) Para além de gênero, em que em PB o demonstrativo é obrigado a compartilhar com o referente os mesmo traços de gênero, número e pessoa, a marcação de espaço em inglês se baseia no sistema binário, enquanto



que em PB, essa marcação ocorre, segundo os compêndios gramaticais, de forma ternária: *this/that; esse/este/aquele*.

Já no alemão, os demonstrativos possuem marcação morfofonologia de gênero, o que se assemelha ao PB, mas não possuem marcação morfológica de espaço, desta forma, se faz referência espacial através da combinação de demonstrativos e advérbios, como em (124).

- (124) Wir haben stets für *das hier* eingeführte Prinzip der  
 Nós ter sempre a favor *d-da aqui* estabelecido princípio  
 da Verkehrsvermeidung plädiert  
 redução de tráfego lutar em prol  
 “Nós sempre defendemos o Princípio de Redução do Tráfego que foi estabelecido aqui.”

Em PB, apesar do sistema ternário encontrado nas gramáticas normativas, é possível combinar demonstrativos e advérbios de modo a suprir possíveis ambiguidades acerca da produção indistinta entre *isto/isso, este/esse e esta/essa* e reforçar a noção espacial.

- (125) Quem é **isso aqui** que me adicionou no facebook, você conhece?
- (126) **Isso aí** é uma oportunista nata, agarrou todas as chances que teve.
- (127) Quem é **esse aqui** que me adicionou no facebook, você conhece?
- (128) **Essa aí** é uma oportunista nata, agarrou todas as chances que teve.

Nos exemplos (125), (126), (127) e (128), os advérbios de localidade são produzidos para evitar ambiguidades quanto a localidade do referente, assim como em alemão. Desta forma, os demonstrativos alemães possuem oposição para gênero, mas não para localidade.

Em inglês, os demonstrativos não possuem gênero e são responsáveis apenas por marcar localidade, isso significa que a falta do traço de gênero nos demonstrativos não impendem que o fenômeno ocorra.

Desta forma, não pode-se dizer que os traços dêiticos e os traços de gênero são os responsáveis pelo *N-effect*, nem menos o traço de animacidade. Mesmo que a condição de humanidade seja uma condição para o licenciamento, neste caso, não há um intuito por parte do falante em abaixar a condição de humano do referente, mas de apenas excluir esse referente do contexto discursivo.

No entanto, para as autoras, a supressão do traço de humanidade é algo mais “pesado” do que apenas o *N-effect*, isto é, o *N-effect* engatilhado pelos dos d-pronomes possui uma propriedade mais sutil do que o uso dos pronomes neutros para seres animados e humanos (SICHEL e WILTSCHKO, 2018b).

Em PB, a produção dos demonstrativos invariáveis com referentes humanos possui a mesma propriedade sintática que o efeito negativo engatilhado pelos d-pronomes proposto por Sichel e Wiltschko (2018b), isto é, ambos podem ser substituídos por um pronome pessoal.

É preciso que haja possibilidade de competição pronominal; o referencial precisa, obrigatoriamente, ser um humano; e é sempre produzido de forma discriminatória, uma vez que, obviamente, os demonstrativos invariáveis não tem como se referir a um grupo de indivíduos, visto que eles não variam em número, portanto, são sempre discriminados. Além do mais, esses demonstrativos serão sempre definidos e específicos.

Tal aspecto parece indicar que o *N-effect* causado pelos d-pronomes é uma condição para a produção do efeito negativo engatilhado pelos demonstrativos invariáveis com referência pessoal em PB, mas não é a sua única causa, visto que em PB, há o intuito do falante em rebaixar o referente não apenas no contexto discursivo, mas também como indivíduo, como pode-se observar em (129):

(129) **Isso** não é nem gente, **isso** é um monstro! Vai apodrecer na prisão.

Em PB, o fenômeno ocorrido em (129) procura não apenas excluir o referente do contexto discursivo, mas também de atribuir um caráter pejorativo ao próprio referente.

Assim como *N-effect*, os demonstrativos invariáveis precisam competir a posição com um pronome pessoal, esse referente precisa ser um humano, e ele já deve estar discriminado no contexto pragmático-discursivo, de fácil identificação para o falante e para o ouvinte, algumas hipóteses para o licenciamento do fenômeno podem ser implicadas a partir das considerações acerca do *N-effect* e suas regras (SICHEL e WILTSCHO, 2018b):

- i) Competição com pronome pessoal;
- ii) Necessidade de humanidade;
- iii) Necessidade de discriminação.

Para além das características de *N-effect*, os demonstrativos invariáveis com referência pessoal em PB precisam de um referente animado que **contraste** com a natureza inanimada dos demonstrativos invariáveis, garantindo o sentido afetivo pejorativo desse tipo de fenômeno. Esse referente pode estar no escopo da sentença ou no contexto discursivo.

(130) **Isso** é um monstro, não uma mãe!

(131) Se **isso** é a artista principal, eu nem quero imaginar o resto da banda...

(132) Não volte com **aquilo**, ele é um traste!

Pode-se observar que em (130), (131) e (132) há uma neutralização de *gênero* nos pronomes demonstrativos, desta forma, parece ser o contraste do determinante e do referente, em termos de sua estrutura sintática, que garantem o sentido pejorativo da sentença, como pode-se observar nos exemplos acima, em que é possível, em todas as sentenças, inferir que o referente é um humano com leitura apreciativa negativa.

## 5 CONCLUSÃO

Neste estudo observou-se que os pronomes demonstrativos são comumente definidos como dêiticos espaciais, mas a sua função não se resume a localizar e identificar o referente, eles podem também engatilhar valores afetivos, em contextos discursivos-pragmáticos, em que os demonstrativos invariáveis são usados com referência pessoal.

Na segunda seção foi possível observar que os pronomes demonstrativos possuem definições distintas a depender do autor. Segundo Carvalho e Nascimento (1977) e Ledgeway (2012), o que há nos pronomes demonstrativos invariáveis são resquícios do neutro latino, logo, é também considerado pelo autores, como uma categoria pronominal neutra, sendo repartido, em maior parte das gramáticas apresentadas aqui, através das suas formas variáveis (*esta(s)*, *essa(s)*, *aquela(s)* e *este(s)*, *esse(s)* e *aquela(s)*) e invariáveis (isto, isso e aquilo). No que diz respeito ao valor afetivo visto através dos pronomes demonstrativos, pôde-se observar que a apreciação através de seu uso já é algo transcrito pelos compêndios gramaticais, apesar de se limitarem às noções espaciais. Além disso, segundo os estudos de Câmara Jr., (2002 [1970]), Rodrigues 1978 e Castilho (2012) as formas *esse*, *essa* e *isso* já são usadas predominantemente em PB em detrimento de *este*, *esta* e *isto*, ou de maneira indistinta, favorecendo assim um sistema binário de produção dos demonstrativos.

Na terceira seção, pôde-se observar através dos resultados dos testes de aceitabilidade, que os demonstrativos invariáveis são amplamente aceitos com referência pessoal quando i) podem ser substituídos por pronomes pessoais; ii) podem ter como referente [+humano]; iii) estão salientes no contexto discursivo ou no escopo da sentença. Entretanto, seu uso traz consequências na interpretação, isto significa dizer que esse fenômeno é gerado a partir do uso.

Na quarta seção, observamos que esse fenômeno parte da neutralização de gênero, ocasionando o *N-effect*, que, por sua vez, possui pressupostos de licenciamento semelhantes ao do fenômeno aqui estudado. Esses valores apreciativos que podem ser engatilhado pelos demonstrativos podem ocorrer em outras línguas além do PB, como no inglês, hebraico e alemão.

Esses valores apreciativos podem variar a depender da língua que se esteja olhando e como se esteja olhando, por exemplo, em inglês, em que: i) se pode ter avaliação positiva do demonstrativo *this*, quando usado antes de nomes pessoais ou genéricos; ou ii) avaliação negativa desse demonstrativo, quando ocorre em contextos de competição com um pronome pessoal. Assim como em PB, em que: i) os demonstrativos variáveis antes de nomes próprios ou genéricos também podem engatilhar valores apreciativos, tanto positivo quanto negativos; ou ii) os demonstrativos invariáveis com referência pessoal que, no entanto, só engatilham valor apreciativo negativo.

Ao menos em PB, essa é uma leitura gerada no uso, a semântica desses demonstrativos condizem com o que a gramática normativa propõem, eles partem do léxico de acordo com as normas estabelecidas pelas gramáticas, as relações sintáticas vão transforma-los e na leitura depois do uso, na interpretação, a partir da relação com *pessoa* e *gênero* é que esse fenômeno terá a leitura negativa, ou seja, essa leitura apreciativa surge nas relações de interface. Ele não sai do léxico negativo, por isso é uma valoração de traço em uma projeção funcional, como proposto por Sichel e Wiltscho (2018b), no nível discursivo. No entanto, essas questões, bem como a descrição da estrutura interna dos demonstrativos e se há mais línguas em que esse tipo de fenômeno possa ocorrer, visando uma verificação mais robusta do fenômeno, interlinguisticamente, além dos contextos prosódicos em que esse fenômeno ocorre, serão analisadas em trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. (1998). *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva.

BECHARA, Evanildo. (2006). *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BENVENISTE, E. (2013 [1966]). *Sujeito da enunciação: singularidade que advém da sintaxe da enunciação*. D.E.L.T.A. 29/1: 95-120. Disponível em: Acesso em 16 fev. 2018.

BERTOLINO, K.; GROLLA, E. (2012). *O Pronome 'Ele' Está Sujeito ao Princípio B? Uma Discussão sobre Resultados Experimentais*. Revista Linguística: UFRJ, Rio de Janeiro.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JR., J. M. (1979). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão.

CÂMARA JR., J. M. (2002 [1970]). *História e estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

CARVALHO, D. (2008). *A Estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, UFAL, Alagoas.

CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. (1977). *Gramática Histórica: para o 2º grau e vestibulares*. 12. ed. Editora Ática. São Paulo.

CASTILHO, Ataliba T. de. (2012). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto.

CASTILHO, Ataliba T. de. (1978). *Análise preliminar dos demonstrativos na norma culta de São Paulo*. Anais de Seminários do GEL. p.30-35.

CASTILHO, Ataliba T. de; ELIAS, Vanda Maria. (2012). *Pequena gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto.

CERQUEIRA, F. (2015). *A sintaxe do pronome acusativo de terceira pessoa no português brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CERQUEIRA, F.; CARVALHO, D. (2018). *Comportamento sintático-semântico do pronome pleno de terceira pessoa no português brasileiro*. Dossiê da ANPOLL – 30 anos do Grupo de Trabalho em Teoria da Gramática.

CLARK, E.; SENGUL, C., J. (1978). *Strategies in the acquisition of deixis*. *Journal of Child Language*: 457–475.

CLARK, E. (1987). *The principle of contrast: A constraint on language acquisition*. In Brian MacWhinney, *Mechanisms of language acquisition*. Hillsdale, New Jersey/London: Lawrence Erlbaum.

COBERTT, G. (1991). *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.

COBERTT, G. (2006). *Agreement*. Cambridge: Cambridge University Press.

CUNHA, C.; CINTRA, L. (1986), *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Lisboa: João Sá da Costa.

DÉCHAINÉ, R. M.; WILTSCHKO, M. (2002). *Decomposing Pronouns*. *Linguistic Inquiry*, v. 33, n. 3, p. 409-442.

DIESSEL, H. (2006). *Demonstratives, joint attention, and the emergence of grammar*. *Cognitive Linguistics*: 463-489.

HARLEY, H; RITTER, E. (2002) *Person and number in pronouns: a feature geometric analysis*. *Language*, v. 78, p. 482-526.

LAKOFF, R. (1974). *Remarks on 'this' and 'that'*. In *Proceedings of the Chicago Linguistics Society* 10, p. 345–356.

LEDGEWAY, A. (2012). *From latin to romance: Morphosyntactic Typology and Change*. Oxford: Oxford University Press.

LYONS, C. (1999). *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press.

LYONS, J. (1977). *Semantics*. v.2. Cambridge: Cambridge University Press.

LYONS, J. (1979). *Introdução à linguística teórica*. Trad. Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel, rev. e superv. de Isaac N. Salum. São Paulo: Nacional.

MARCUSCHI, L. A. (1997). *Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º. e 2º. Graus: uma visão crítica*. Trabalhos em Lingüística Aplicada, p. 39-79.

NEVES, M. H. M. (2000). *Gramática de usos do português*. 2ª ed.- São Paulo: Unesp.

NUNES, J. J. (1919). *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1975 (8ª ed.).

PARTEE, B. H. (1999). *Weak NP's in HAVE sentences*. In J. Gerbrandy, M. de Rijke, and Y. Venema, eds., JFAK: Essays dedicated to Johan van Bentham on the Occasion of his 50th Birthday. Vossiuspers: Amsterdam University Press.

PARTEE, Barbara H. (2005). *Reflections of a formal semanticist as of feb 2005*. Manuscript. University of Massachusetts, Amherst, MA.

PAVANI, S. (1987). Os demonstrativos este, esse e aquele no português culto de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas.

PEREIRA, H. B. (2005). “Esse” versus este no Português Brasileiro e Europeu. 2005. 110f. (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, São Paulo.

PONTES, E. O. (1978). “Continuum” língua oral e língua escrita: por uma nova concepção do ensino. Trab. Ling. Apl. Campinas, n.12.

POTTS, C; SCHWARZ, F. (2010). *Affective ‘this’*. Linguistic Issues in Language Technology, 3(5). 1-30.

SICHEL, I.; WILTSCHKO, M. (2018a). *Appraisal and Alternatives*. Disponível em: < <https://linguistics.ucla.edu/wp-content/uploads/2017/08/Sichel-WCCFL.pdf> >. Acesso em: 05 dez. 2018.

SICHEL, I.; WILTSCHKO, M. (2018b). *Demonstrative pronouns and the linguistic encoding of appraisal*. In Wm. G. Bennet, L. Hracz, and D. Ryan (eds.) Proceedings of the 36th West Coast Conference in Linguistics. p.365-373. Cascadilla press.

RODRIGUES, A. D. (1978). *Os demonstrativos do português: descrição morfológica sincrônica e superficial*. VII Anais de Seminários do GEL, p.64- 6, Mogi das Cruzes.



## ANEXOS

### ANEXO A - QUESTIONÁRIO

Por favor, leia as frases abaixo e assinale a opção que corresponder melhor a interpretação que você fez do ISSO em cada uma. Você não será identificado e apenas precisará informar o seu lugar de origem na última seção do questionário. Obrigada!

1. Quem é ISSO que você está saindo?
  - O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um ANIMAL
  
2. Como você pôde convidar ISSO para a festa da Carla?
  - O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um ANIMAL
  
3. ISSO é um monstro, ISSO nem é gente.
  - O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um PERSONAGEM FICTÍCIO
  
4. Depois que cresceu, ISSO está me dando uma dor de cabeça...
  - O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma PROBLEMA
  - O “isso” se refere a um ENFERMIDADE
  
5. É com ISSO aí que você está saindo?
  - O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um ANIMAL

6. Eu queria muito conquistar ISSO.
- O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um SENTIMENTO
7. Quem é ISSO com quem você está saindo?
- O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um ANIMAL
8. Você realmente se apaixonou por ISSO?
- O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” pode se referir tanto a uma PESSOA quanto a uma COISA

## Bloco 2

Por favor, leia as frases abaixo e assinale a opção que corresponder melhor a avaliação que você fez do pronome demonstrativo (isso) em cada uma. Obrigada!

1. Quem é ISSO que você está saindo?
  - O “isso” possui uma avaliação POSITIVA
  - O “isso” possui uma avaliação NEGATIVA
  - O “isso” não atribuiu nenhum tipo de avaliação à sentença
  
2. Como você pôde convidar ISSO para a festa da Carla?
  - O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um ANIMAL
  
3. ISSO é um monstro, ISSO nem é gente.
  - O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um PERSONAGEM FICTÍCIO
  
4. Depois que cresceu, ISSO está me dando uma dor de cabeça...
  - O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma PROBLEMA
  - O “isso” se refere a um ENFERMIDADE
  
5. É com ISSO aí que você está saindo?
  - O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um ANIMAL
  
6. Eu queria muito conquistar ISSO.
  - O “isso” se refere a uma PESSOA

- O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um SENTIMENTO
7. Quem é ISSO com quem você está saindo?
- O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” se refere a um ANIMAL
8. Você realmente se apaixonou por ISSO?
- O “isso” se refere a uma PESSOA
  - O “isso” se refere a uma COISA
  - O “isso” pode se referir tanto a uma PESSOA quanto a uma COISA

### Bloco 3

Imagine as seguintes situações 1, 2, 3, 4 e 5. Com base em cada situação, assinale qual seria a melhor sentença para cada situação, sendo 1: uma sentença ruim, ou aquela que menos expressa a situação; 2: uma sentença boa, que pode expressar a situação; e 3: uma sentença ideal, aquela que melhor expressa a situação. Se quiser, justifique sua resposta.

**SITUAÇÃO 1:** Amanda e Juliana estão sentadas em um restaurante da Universidade. Ao ver uma moça desconhecida passar perto delas com acessório extravagantes, Juliana lança uma pergunta com tom irônico a Amanda. Qual das perguntas a seguir melhor expressa o valor procurado por Juliana?

Amanda, quem é ESSA?

|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

Amanda, quem é ISSO?

|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

Amanda, quem é ELA?

|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

**SITUAÇÃO 2:** Alguns amigos maldosos do trabalho de Paulo resolveram fazer piada sobre ele em uma reunião após o expediente, em um bar. Um deles, na tentativa de irritar Paulo, resolveu salientar, com desprezo, que Paulo só tinha amigos estranhos. Para isso, o rapaz mostrava para os outros da mesa, e a Paulo, aquelas pessoas que ele considerava "estranhas". Qual das sentenças a seguir melhor expressa o valor procurado pelo amigo de Paulo?

ESSE é amigo de Paulo...

|      |                       |                       |                       |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

ISSO é amigo de Paulo...

|      |                       |                       |                       |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

ELE é amigo de Paulo...

|      |                       |                       |                       |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

**Situação 3:** Diana convidou suas amigas Janaína e Maria Antônia para conhecer seu filho recém-nascido na maternidade. Ao olhar para o filho de sua amiga, Janaína, que adora crianças, resolve salientar o quanto o bebê de sua amiga é fofo. Qual das sentenças a seguir melhor expressa o valor procurado por Janaína?

ESSE é tão fofo!

|      |                       |                       |                       |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

ISSO é tão fofo!

|      |                       |                       |                       |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

Ele é tão fofo!

|      |                       |                       |                       |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

**Situação 4:** Duas amigas estão em uma boate bem escura. Uma delas beija um rapaz. Quando as luzes da boate se acendem, as amigas observam que o rapaz que uma das meninas havia beijado não era muito simpático. A amiga que não havia beijado o rapaz, rindo, pergunta a outra amiga se ela realmente havia beijado aquele rapaz "não muito simpático", na tentativa de fazer piada com a situação da amiga. Qual das sentenças a seguir melhor expressa o valor procurado pela menina?

Você realmente pegou ESSE?

|      |                       |                       |                       |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

Você realmente pegou ISSO?

|      |                       |                       |                       |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

Você realmente pegou ELE?

|      |                       |                       |                       |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |



**Situação 5:** Após uma longa discussão sobre política, Jéssica percebeu que não adianta o que ela fale, Juca não irá mudar seu modo de pensar. Catharina, já de saco cheio da amiga perdendo tempo, diz que Juca não é digno do tempo perdido de Jéssica e que ele não é ninguém importante. Qual das sentenças a seguir melhor expressa o valor procurado pela menina?

Você não deveria perder seu tempo discutindo com ESSE.

|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

Você não deveria perder seu tempo discutindo com ISSO.

|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

Você não deveria perder seu tempo discutindo com ELE.

|      | 1                     | 2                     | 3                     |       |
|------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-------|
| Ruim | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Ideal |

## Bloco 4

Muito obrigada por finalizar esse questionário.

Como última pergunta, por favor, assinale a alternativa referente ao local onde você nasceu.

- |   |  |
|---|--|
| <input type="radio"/> Acre (AC)               | <input type="radio"/> Pernambuco (PE)          |
| <input type="radio"/> Alagoas (AL)            | <input type="radio"/> Piauí (PI)               |
| <input type="radio"/> Amapá (AP)              | <input type="radio"/> Rio de Janeiro (RJ)      |
| <input type="radio"/> Amazonas (AM)           | <input type="radio"/> Rio Grande do Norte (RN) |
| <input type="radio"/> Bahia (BA)              | <input type="radio"/> Rio Grande do Sul (RS)   |
| <input type="radio"/> Ceará (CE)              | <input type="radio"/> Rondônia (RO)            |
| <input type="radio"/> Distrito Federal (DF)   | <input type="radio"/> Roraima (RR)             |
| <input type="radio"/> Espírito Santo (ES)     | <input type="radio"/> Santa Catarina (SC)      |
| <input type="radio"/> Goiás (GO)              | <input type="radio"/> São Paulo (SP)           |
| <input type="radio"/> Maranhão (MA)           | <input type="radio"/> Sergipe (SE)             |
| <input type="radio"/> Mato Grosso (MT)        | <input type="radio"/> Tocantins (TO)           |
| <input type="radio"/> Mato Grosso do Sul (MS) |  |
| <input type="radio"/> Minas Gerais (MG)       |  |
| <input type="radio"/> Pará (PA)               |  |
| <input type="radio"/> Paraíba (PB)            |  |
| <input type="radio"/> Paraná (PR)             |  |